

# PRESENTE PARA PROFESSOR PRESENTE

Manual de Sobrevivência para  
Quem Ainda Olha nos Olhos



Fabio Batalha

**NÃO É  
AUTOAJUDA**

# Presente para Professor Presente

Manual de Sobrevivência para  
Quem Ainda Olha nos Olhos

**Fabio Batalha Monteiro de Barros**

[humaniza.digital](http://humaniza.digital)

Lisboa · 2026

---

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

B277p Barros, Fabio Batalha Monteiro de.

Presente para professor presente : manual de sobrevivência para quem ainda olha nos olhos / Fabio Batalha Monteiro de Barros. – 1. ed. – Lisboa : [Edição do Autor], 2026.

84 p. ; 14 × 21 cm.

ISBN 978-989-33-9592-9

DOI: 10.5281/zenodo.19646310

1. Educação - Filosofia. 2. Prática docente - Resistência. 3. Tecnologia educacional - Aspectos sociais. 4. Ética do cuidado - Kuidá. I. Título.

CDD 370.15

---

Licenciado sob **Creative Commons BY-NC 4.0**

(Atribuição — Não Comercial 4.0 Internacional)

Pode copiar, adaptar e distribuir. Não pode vender.

**Partilhe à vontade — isto é um presente**

Diagramação em  $\text{\LaTeX}$  (LuaLaTeX)

Formato: 14 × 21 cm

Lisboa, Portugal.

*Aos professores e professoras anestesiados pelo sistema,  
aos que têm a coragem de olhar nos olhos  
e para aqueles que depois de verem o brilho no olhar  
não se imaginam a recuar.*

# Agradecimentos

*(Ou: De onde vem o que você vai ler)*

Este livro rouba (com respeito) de Ubuntu, Kuidá (África), Suma Qamaña, Pachamama, Ayllu (Andes), Teko Porã, Maloca (Guarani).

São tecnologias ancestrais de sobrevivência. Não são minhas. Uso com erro. Erro que você pode corrigir em [humaniza.digital](http://humaniza.digital), porque a segunda edição será escrita por quem está na trincheira, não só por quem tem doutorado.

## ADVERTÊNCIA DE USO

Este não é um livro de autoajuda. Não vai fazer você “acreditar em si mesmo”. Vai lhe fazer duvidar do sistema que te desacreditou. Diferente.

Se resolver comentar sobre a leitura na reunião pedagógica, diga que é sobre “gestão emocional” ou “resiliência docente”. O sistema engole palavras, regurgita conceitos.

Pode rasgar, dobrar, molhar de café, copiar, encaminhar. Livro de bolso (digital ou físico) que não tem marcas de batalha não foi lido direito.

Se for pego pela direção lendo isto: diga que é “material de capacitação em metodologias ativas”. Técnica de sobrevivência também inclui tradução institucional.

A culpa não é sua. Mas a responsabilidade de fingir que é, enquanto fura o sistema, é. Use sabiamente.

Nota: Se você pagou por este livro, obrigado. Se fotocopiou, também. Se recebeu de presente de um aluno, cuide bem desse aluno.

Vire a página. Força.

# Sumário

Agradecimentos	iii
Prefácio	1
1 O Álvaro na Sala	3
2 O Contrato e a Trincheira	10
3 A Fábrica de Robôs	16
4 Aprender Diferente: Neurodiversidade e Cuidado	24
5 Por Que Muitos dos Seus Alunos Te Odeiam	33
6 Kuidá	43
7 Os Hacks	51
8 A IA como Aliada	58
9 Quando Você Falha	63
10 O Exército de Um	68
A Última Aula	73
Homenagem	75
Sobre o Autor	76
Convite à 2ª Edição	79
Licença Aberta	80
Nota Legal e Glossário	82

# Prefácio à Primeira Edição

Este manual nasceu de conversa. De grupo de WhatsApp às três da manhã. De café frio em intervalo de dez minutos. De choro na casa de banho (banheiro) e risada no corredor. De professores que não se conhecem, mas se reconhecem.

Não é um livro de teoria confortável. É um manual de quem está no fogo. Escrito para ser lido rápido, marcado, dobrado, partilhado com amigos. Para ser presente que muda vida sem parecer presente que muda a vida.

Em geral, se você é alto gestor, político, empresário da educação: pode parar por aqui. Isto não é para você.

Isto é para quem dá aula. Quem corrige prova. Quem pergunta “como está?” mesmo sabendo que não há tempo para ouvir a resposta.

Para vocês, este *Presente para Professor Presente*.

Que o recebam como se recebessem um abraço em um dia ruim: sem esperar, sem precisar, mas com urgência vital.

*Fabio Batalha, Março de 2026*



**Nota importante**

Este manual acompanha o lançamento de outro livro, *Kuidá: soberania pedagógica e educação digital humanizada: autonomia docente na era da IA* (Monteiro de Barros, 2026).

Lá, tem fundamento. Neurociência. Decolonialidade. Ecologia de saberes. Colonialidade do poder. Tudo o que isto aqui faz funcionar, mas que você não tem tempo de ler entre uma aula e outra.

Aqui, tem ferramentas. Hoje. Amanhã. Para quando precisar sobreviver até poder ler o outro.

Se chegou até aqui, já está comprometido. Vire a página.

# Capítulo 1

## O Álvaro na Sala

*Não tive tempo de perceber...estava tão preocupado em ser professor da Revolução Francesa.*

---

— Tião Rocha

### **A história que você não pode contar aos pais**

Ele se chamava Álvaro. Estudante. Quatorze anos. Sétima série. Do outro lado o professor de história, prova oral aos sábados — revolução francesa, industrial, as guerras. O menino tirava dez. Argumentava bem. Parecia interessado. Parecia.

O professor acordou cedo no sábado. Preparou as perguntas. Chegou na escola. Álvaro não veio. Estranho. Menino comprometido. Segunda, nada. Terça, ausência. Quarta, o aviso: menino morto. Jogou-se do alto de um prédio.

No velório, questionado pelos pais, o professor só conseguiu dizer: “Não tive tempo de perceber. Estava tão preocupado em ser professor da Revolução Francesa, das guerras...e não tive tempo de aprender a história dele.”

Você já disse isso? Não em voz alta. Na cabeça. Às três da manhã?

A história oficial que se dane, desabafou o professor Tião depois. Mas depois é tarde. Para Álvaro, definitivamente tarde. Para você, talvez ainda não.

## **Você tem um Álvaro na sala**

Talvez se chame Joana. Ou Pedro. Ou Cátia. Talvez esteja na terceira fileira, esquerda. Ou na última, direita, onde quem não quer ser visto se esconde. Talvez esteja bem à sua frente, olhando para você enquanto escreve no quadro, esperando que olhe de volta.

Você não sabe. Porque o sistema não lhe paga para saber. O sistema paga para você dar aula. Cumprir o conteúdo. Aplicar prova. Preencher burocracia. Entregar nota. O sistema — em Lisboa, em Luanda, em São Paulo, em Maputo ou em La Paz — o sistema quer eficiência. E eficiência, no sistema, é quantidade de informação depositada por unidade de tempo. Não é vínculo. Não é cuidado. Não é “como você está?”

## **O Álvaro de cada lugar**

Em Portugal, o Álvaro some porque a mãe perdeu o emprego e o menino foi trabalhar. Ninguém pergunta na escola, porque ninguém tem tempo: o professor tem contrato de horas, turma de trinta alunos, burocracia gigante. Álvaro some. Estatística de evasão. Número. Não nome.

No Brasil, Álvaro some porque desistiu. Ou porque levou facada na porta da escola. Ou porque o professor tomou o lado errado em briga de facção e o Álvaro pagou. Violência é rotina. E rotina não gera pergunta. Gera sobrevivência.

Em Angola, Álvaro some porque a escola desabou. Ou porque o professor não veio — salário atrasado, outro emprego, desistência. A comunidade tenta segurar. Às vezes segura. Às vezes não. Álvaro vai para rua. Trabalho infantil não é tragédia. É economia.

Em Moçambique, o Álvaro some porque a família mudou para o campo. Ou porque a seca comeu a roça e a migração comeu a

família. Professor rural tem quarenta alunos, três livros, giz molhado. Não tem como notar falta. Não tem como notar nada além de sobreviver o dia.

Em todo lugar, Álvaro some. E em todo lugar, o sistema responde: meta não atingida. Indicador vermelho. Precisa-se de mais engajamento. Mais tecnologia. Mais plataforma digital. Mais eficiência.

Nunca: mais professores com salários dignos. Menos precariedade nos contratos. Menos alunos por sala. Mais tempo. Mais pergunta.

## **A escolha que você tem**

Não vou dizer que você matou seu aluno. O sistema mata todo dia. O sistema mata com precariedade, com violência, com burocracia assassina, com currículo que não fala da vida de quem precisa viver. O sistema é o culpado.

Mas você tem escolha.

Você pode ser cúmplice do sistema. Pode cumprir. Pode depositar. Pode aplicar, corrigir, pontuar, ranquear, fazer tudo certinho conforme manual do Ministério, da Secretaria, da Direção. Pode ser eficiente. Produtivo. Profissional.

E pode, no caminho, deixar um rastro de Álvares invisíveis.

Ou pode ser resistência. Dentro do mesmo sistema podre. Com o mesmo salário ruim. Com as mesmas trinta ou quarenta pessoas na sala. Com a mesma falta de recursos, de tempo, de reconhecimento. Pode escolher, mesmo assim, olhar.

Escolher perguntar. Escolher demorar onde precisa demorar. Escolher ver gente onde o sistema vê número. Escolher fazer escola onde o sistema quer fábrica.

## A ética do olhar

Se você vai praticar educação bancária — depositar conteúdo, cobrar devolução, pontuar conforme memorização, produzir aluno-funcionário para mercado-fábrica — então seja honesto: vá trabalhar em um banco.

Pelo menos lá o lucro é explícito. Aqui, a mercadoria são vidas. E você está vendendo barato.

Não digo isso com ódio. Digo com urgência. Porque Álvaro não tinha que ter morrido. Porque seu Álvaro — que está na terceira fileira, ou na última, ou bem na frente esperando — seu Álvaro, não precisa morrer<sup>1</sup>. Precisa ser visto. Precisa que alguém pergunte, de verdade, “como você está?” E espere resposta. E escute.

Isso não resolve pobreza. Não resolve violência. Não resolve estrutura quebrada. Mas resolve, para aquele aluno, naquele dia, a solidão absoluta de ser invisível. E, às vezes, a solidão absoluta é o que mata.

### Autoestima

Autoestima positiva é como café da máquina: dá energia falsa e deixa com azia. Prefira café feito na hora — amargo, mas real.

## O que este manual não é

Não é terapia. Não vou dizer que você está cansado e merece descansar. Já sabe. Não vou dizer que não é sua culpa. Já sabe

---

<sup>1</sup>A história de Álvaro e Tião Rocha é real, ocorrida em Belo Horizonte (Brasil). Narrada pelo próprio educador no vídeo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SX8n-rYo\\_W0](https://www.youtube.com/watch?v=SX8n-rYo_W0). Agradecemos ao Tião por transformar sua dor em luz para outros professores. Tião Rocha é fundador do CPCD (Centro de Pesquisas e Criação em Comunicação Popular) e referência mundial em educação popular.

também.

Não é manual de técnicas. Não tenho fórmula mágica para quarenta alunos, salário atrasado, violência na porta, plataforma digital que não funciona.

Não é confissão. Não vou contar minhas histórias de trauma para você se identificar. Você tem trauma suficiente.

## **O que este manual é**

É gatilho. É escolha. É manual de sobrevivência para quem escolhe, mesmo ferrado, mesmo precarizado, mesmo sem formação pedagógica — especialmente para quem sem formação, porque doutorado às vezes cega mais que ilumina — é para quem escolhe ainda olhar.

Porque olhar é sobrevivência. Do aluno, sim. Mas também sua. Profissional. Humana.

Robô substitui robô. Inteligência artificial já corrige prova melhor que você. Já personaliza conteúdo. Já dá aula gravada. O que IA não faz — e talvez nunca faça — é olhar nos olhos e perguntar, de verdade, como você está. Isso é seu. Seu diferencial. Sua sobrevivência no mercado. Sua ética na vida.

## **Para quem não olha mais**

Se você está lendo isto pensando “eu não consigo mais, estou acabado, não olho há anos” — entendo. É racional não olhar. O sistema paga para você não olhar. Olhar gera vínculo. Vínculo gera responsabilidade. Responsabilidade gera sofrimento quando o sistema impede você de cuidar. Então você aprendeu a não olhar. Isso é bloqueio. Sobrevivência.

Mas há outra sobrevivência. Olhar estratégico. Não todos. Não sempre. Um. Hoje. Amanhã, outro. Dois minutos na porta. Pergunta. Espera. Escuta.

Isso é **Kuidá**. E é mais sustentável que bloqueio total. E é o que IA não faz. E é, talvez, o que separa você de ser substituído por uma máquina. Ou de virar máquina você mesmo.

### EXERCÍCIO — AGORA, NÃO DEPOIS

Pare de ler. Pense no seu Álvaro. Nome. Rosto. Fileira. Situação que você sabe que não sabe. Aquela que você desviou olhar porque não dá para lidar com mais uma.

Agora decida: segunda-feira, você olha. Não resolve. Não salva. Apenas olha. Pergunta. Espera.

Ou decide que não vai. Que é muito. Que o sistema ganhou. E então seja honesto: talvez seja hora de ir trabalhar em outra área. Porque aqui, nesta sala, neste país, neste tempo de indiferença — aqui, olhar é questão de vida ou de morte.

Álvaro está esperando. Ou não está mais. Depende de você.

Se não fizer hoje, faz amanhã. Se não fizer amanhã, faz depois.

*“A história oficial se dane. A Revolução Russa, Revolução Industrial, que se dane. Só vou ensinar depois que eu aprender a história de cada um.”*

*Tião não salvou Álvaro. Mas transformou a culpa em 40 anos de resistência. Álvaro virou seu anjo da guarda. Ainda o avisa: “Fica atento, não cai na vala.”*



### Vá mais fundo

Por que Álvaro ficou invisível? Para entender como o sistema produz invisibilidade *estruturalmente* — e não como falha individual sua — leia o Capítulo 2 de *Kuidá: Soberania Pedagógica*.



## Capítulo 2

# O Contrato e a Trincheira

*Metamorphose para quem pode esperar. Tradução institucional para quem não pode.*

---

Você acabou de ler sobre Álvaro. Talvez tenha chorado. Talvez tenha fechado o livro, respirado, voltado. Talvez esteja pensando: “isto é muito grande para mim”.

É. O sistema é grande. Você é pequeno. A matemática não fecha.

Mas há outra matemática. A da trincheira.

### O que a UNESCO propõe

O relatório “*Reimaginar nossos futuros juntos*” (2022) propõe um “novo contrato social” para a educação: pedagogias de solidariedade, currículos ecológicos, professores como produtores de conhecimento, escola como bem comum. É um manifesto bonito. António Nóvoa, numa fala recente, diagnosticou com precisão: as escolas têm “abundância de projetos no plural e ausência de projeto no singular”.

Concordo com ambos. Mas quando Nóvoa propõe “metamorphose” como solução — “as formas da borboleta já estão presentes no ovo e na lagarta” — eu lembro de Álvaro.

Álvaro não tinha tempo de esperar a borboleta. Nenhum de nós tem.

A metamorfose pressupõe condições: calor, tempo, proteção. O que temos é **necropolítica educacional**: sistemas que consomem professores e descartam alunos. A UNESCO pede “autonomia e apoio institucional”. A realidade pede **sobrevivência**.

### O Abismo entre o Documento e o Chão

Há três níveis de realidade na educação:

1. **O Documento:** UNESCO, Ministério, Direção. Fala em “inovação”, “liberdade”, “bem-estar”, “futuro”.
2. **O Corredor:** O que os coordenadores dizem na reunião pedagógica. Fala em “metas”, “prazos”, “alunos problemas”, “indicadores”.
3. **A Sala de Aula:** Onde você está agora. Fala em silêncio, em olhares baixos, obediência, em alunos que não comeram ainda hoje.

Este livro foca no terceiro nível. Os outros dois são ruído.

## A trincheira

Você não está no centro do sistema, onde bibliotecas “finalmente” ganham centralidade. Você está na periferia real: 50 alunos em Luanda, servidor que cai em Bissau, professor em Lisboa que trabalha em dois turnos para completar o ordenado.

A **tradução institucional** é a malícia de quem precisa humanizar sem ser pego. Usamos a linguagem do projeto — “recuperação paralela”, “estudo de caso”, “flexibilização curricular” — para esconder o que realmente fazemos: **Kuidá** (proteger o processo), Diálogo (horizontalidade), Liberdade Criativa (recusar o perfeccionismo algorítmico), Autoria Narrativa (portfólio como

opção à prova), Problematização (partir da dor concreta).

Nóvoa tem razão no diagnóstico. A UNESCO tem razão no sonho. Mas quem está na trincheira precisa de **hacks**, não só de esperança.

## Geografia da Precariedade

A trincheira não é igual em todo lugar. A precariedade tem sotaque:

**Em Portugal:** Precariedade sofisticada. Muitos contratos de horas, de meses, de dias. Nunca se sabe se há aula no próximo período. E tem que dar aulas em outras cidades 300 ou 400km longe de sua morada por sua conta e risco. E ainda precisa agradecer: “pelo menos tenho trabalho.”

**No Brasil:** Precariedade militarizada. Professor é tratado como soldado em guerra. Precisa de autoridade, disciplina, controle. Não de formação, apoio, condição. Leva tiro? Culpa dele. “Deveria saber lidar.”

**Em Angola:** Precariedade explícita. Salário atrasado seis meses. Ou nove. Ou ano inteiro. Professor vai para outro trabalho. Ou desiste. Ou segura porque a comunidade segura — não o Estado, não o sindicato, mas a vizinhança.

**Em Moçambique:** Precariedade naturalizada. Falta luz? Normal. Falta água? Normal. Professor sem formação na disciplina? Normal. Cinquenta alunos? Normal. Não se fala em crise porque a crise é permanente.

E essa geografia, muitas vezes se alterna e globaliza, não sendo incomum professores em Portugal sem formação docente adequada, ou falta de água no Brasil, ou um conjunto destes por todos os lados.

*O que une os quatro contextos: A escola moderna nasceu para administrar populações, não para educar cidadãos. Em todos os quatro países, estamos ainda a pagar o preço de um sistema que foi desenhado para excluir — mesmo quando finge incluir.*

*Mérito como máscara de privilégio. Avaliação como tecnologia de exclusão. A fábrica mudou de nome, mas a lógica é a mesma: produzir obediência, não pensamento.*

Isto não é acidente econômico. É política deliberada. Quebrar categoria. Destruir sindicato. Transformar profissão em hobby de gente qualificada. Quem sobrevive? Quem tem família que sustenta. Quem tem saúde mental para aguentar incerteza. Quem aceita ser explorado em nome de “vocacionalidade.”

## **O Kit de Sobrevivência da Trincheira**

Se você está lendo isto, já aceitou que não vai derrubar o sistema sozinho. Mas pode furá-lo. Aqui está o kit mínimo:

- 1. O Caderno Matuíta:** Aquele caderno físico, de papel, onde você escreve o que sente sobre os alunos, onde cola um desenho deles. Isso é seu. Não entra no banco de dados. Não gera estatística. É a sua reserva de humanidade que eles não podem minar.
- 2. O Grupo de Signal/Whatsapp:** Três colegas de confiança. Sem coordenação. Sem ata. Sem relatório. Só desabafo e estratégia. Quando um cai, os outros seguram.
- 3. A Pergunta de 2 Minutos:** Antes de começar o conteúdo, pergunte: “Como você está?” E espere a resposta. Não precisa resolver. Só precisa ouvir.
- 4. O Hack da Tradução:** Quando a direção perguntar o que você está fazendo, diga: “Metodologias ativas baseadas em evidências.”

É verdade. Só que as evidências são ancestrais, não as do Ministério.

### Inventário da Trincheira

Pare de ler. Agora. Pegue papel e caneta.

Liste:

- Três coisas que o sistema exige de você esta semana
- Três coisas que você acredita que deveria fazer
- Uma coisa que você pode fazer **apesar** do sistema
- **Quanto tempo você perdeu esta semana respondendo e-mails administrativos que não ensinam nada a ninguém?**  
(Este é o tempo roubado do seu *Suma Qamaña* — seu bem-viver, seu equilíbrio, sua vida.)

Guarde este papel na sua Matufita. Daqui a um mês, releia. Veja o que sobreviveu.

## Por Que Este Manual de Sobrevivência e o livro Kuidá?

Este livro (*Presente para Professor Presente*) e o *Kuidá: Soberania Pedagógica e Educação Digital Humanizada* são espelhos. Um opera a sobrevivência. O outro teoriza a soberania.

**Leia o Presente quando:**

- Precisa de ferramentas para amanhã
- Está exausto e não consegue ler teoria
- Quer hacks práticos para furar o sistema

**Leia o Kuidá quando:**

- Precisa de fundamentação para convencer a direção

- Quer entender a neurociência por trás do cuidado
- Precisa de argumentos para formação de professores, ética etc

**Nota de Travessia:**

Se você chegou até aqui, já está comprometido. Não há volta. Ou você vira robô, ou vira fissura. A escolha é sua.

Mas saiba: robôs são substituíveis. Fissuras, não.

## O Contrato Que Ninguém Oferece

O sistema não oferece contrato de proteção. Não há seguro para burnout. Não há indenização para alma quebrada. Você está sozinho.

Mas há outro contrato. Não escrito. Não assinado. Selado no olhar de um aluno que você viu de verdade.

**Este é o contrato da trincheira:**

- Proteção mútua (quando um cai, os outros seguram)
- Estratégia compartilhada (o hack que funciona em Lisboa funciona em Luanda)
- Sobrevivência coletiva (nenhum professor é descartável)
- **Ética da falha:** Eu não vou te abandonar. Mas posso falhar. E quando falhar, vou voltar e admitir. E vamos recomeçar.

Cada aula de **Kuidá** é tijolo arrancado da fábrica. Cada aluno que brilha é parede que racha.

A fábrica ainda está de pé. Mas você — você — é fissura nela.

E fissuras, quando somadas, derrubam paredes.

## Capítulo 3

# A Fábrica de Robôs

*Você não está louco: o sistema realmente está doido (e por isso você está exausto).*

---

Se você está lendo isso chorando no banho às 23h45, entre corrigir provas e responder pais no WhatsApp, saiba de uma coisa: não é você que está falhando.

O sistema educacional moderno não quebrou. Ele está funcionando perfeitamente — só que o objetivo dele mudou. Antes, a escola formava gente. Hoje, para quem está lá em cima (nas planilhas, nos conselhos, nas empresas de software), você virou um código de barras que gera dados.

Pare e pense: quando foi a última vez que alguém perguntou como você está, e não quantas notas você digitou? Quando foi a última vez que sua direção elogiou o vínculo que você criou com a turma, e não apenas o “percentual de aprovação” na plataforma?

Você sente que virou uma máquina de produzir números. Não é sensação. É engenharia.

O “sistema” (esse conjunto de plataformas, metas, avaliações de desempenho e cobrança infinita) foi desenhado para tratar você como pilha descartável. Não por malícia pessoal de ninguém, mas por lógica fria: é mais barato trocar um professor queimado por outro, do que manter você vivo, criativo e bem remunerado. Para a

lógica do lucro (que governa as plataformas que sua escola compra), sua exaustão é um custo aceitável.

Eles querem seu clique, sua nota digitada, seu “engajamento” no sistema. Não querem sua alma, sua história, seu cansaço. Você é o produto, não o cliente.

Mas aqui está o segredo que eles não contam:

Máquinas não choram no banho. Máquinas não criam vínculos. Máquinas não inventam gambiarras para salvar a aula quando a internet cai.

O fato de você estar exausto prova que você ainda é humano. E isso é uma falha no sistema deles. Uma falha que você pode usar.

## **O que fazer com isso (sem precisar ler teoria pesada)**

### **1. Reconheça a armadilha:**

Quando você se sente culpado por não dar conta de tudo, lembre: a culpa é o sistema te dizendo que você é a peça quebrada, quando na verdade ele é a máquina desumana. Respire. A culpa não é sua.

### **2. O “Bug” da Intermitência (seu primeiro Hack de verdade):**

Eles querem você 24h online? Dê a eles um “erro de sistema”. Pare de responder mensagens de escola após as 18h. Não é preguiça. É a proteção da sua única ferramenta de trabalho: seu cérebro vivo. Um professor queimado não ensina nada. Um professor descansado é um professor perigoso (porque pensa claro).

### **3. A “Falha” que eles não conseguem digitalizar:**

Tenha seu caderno Matuíta (aquele caderno físico, de papel, onde você escreve o que sente sobre os alunos, onde cola um desenho deles). Isso é seu. Não entra no banco de dados. Não gera estatística. É a sua reserva de humanidade que eles não podem minerar.



#### 4. A Conversa de 5 Minutos (o vírus na máquina):

Quando você para a aula e pergunta “como vocês estão?” — e realmente espera a resposta —, você está injetando um vírus no sistema que só quer sua eficiência. Você está dizendo: “Aqui, dentro desta sala, nós ainda somos gente.”

##### Lembrete final

Você não precisa derrubar o sistema amanhã. Você só precisa furá-lo hoje, para que a luz entre.

Cada email não respondido à noite, cada conversa real, cada “não sei, vamos descobrir juntos” — é um tijolo tirado do muro que eles queriam que você carregasse sozinho.

Você não é uma commodity (mercadoria descartável). Você é a falha no sistema. E essa falha é sua maior força.

#### A fábrica

Você entrou na educação porque acreditava em gente. Saiu da formação — se teve formação — porque acreditava em transformação. E descobriu, no primeiro, terceiro, décimo ano de sala de aula, que acreditava em coisa que não existe mais. Se é que existiu.

O que existe é fábrica. Fábrica de obedecer. Fábrica de pontuar. Fábrica de produzir funcionário que não reclama, não pensa, não questiona, apenas executa. E você? Você é operário dessa fábrica. Supervisor de linha de montagem. Robô que gerencia outros robôs em formação.

Autoajuda diz: “você não é robô, você é especial.” Mentira. Você é robô que ainda tem botão de desligar. Este livro é sobre como apertar esse botão antes que soldem a tampa.

## Como funciona a linha de produção

Exemplos esteriotipados por vezes invertidos e pervertidos pelas desigualdades sociais:

Em Lisboa, você recebe contrato de seis meses. Turma de trinta. Plataforma digital obrigatória. Metas de “engajamento” que significam: aluno clicou, aluno postou, aluno gerou rastro digital mensurável. Você preenche. Você pontua. Você entrega relatório de eficiência.

Em Luanda, você recebe sala sem água. Giz quebrado. Quarenta alunos, metade sem uniforme, alguns sem almoço. Plataforma digital? Riso. Mas você tem pasta de planejamento para preencher. Metas de “cobertura curricular”. Você finge que ensina, eles fingem que aprendem, inspetor finge que inspeciona.

Em São Paulo, você recebe detector de metal na porta. Violência na rua. Pais que ameaçam. Coordenador que cobra “resultado”. E “resultado” significa nota alta, evasão baixa, ranking bom no IDEB. Não significa aluno que pensa. Significa aluno que performa.

Em Maputo, você recebe escola de palha. Ou de cimento sem tinta. Ou, se sorte, de cimento com tinta mas sem livros. Professor universitário dá aula de biologia sem microscópio, explicando célula com desenho no quadro. E aluno desenha, porque não tem outra coisa para fazer.

Quatro países. Quatro misérias diferentes que nem sempre obedecem aos esteriótipos de riqueza ou de pobreza. A mesma lógica: produção de dados sobre educação, não educação.

## A mentira da falta de recursos

Dizem que o problema é a falta de dinheiro. Mentira.

Portugal gasta dinheiro em plataformas digitais que ninguém usa, em consultorias que ninguém leu, em relatórios que ninguém lê.

Angola recebe investimento em escolas que desabam, em currículo que não serve, em exames que selecionam quem já nasceu selecionado.

Brasil tem maior sistema de avaliação da América Latina. ENEM, Prova Brasil, IDEB, SARESP, e mais vinte siglas. Gasta bilhões medindo o que não ensina.

Moçambique tem ONG internacional toda semana. Banco Mundial, UNESCO, USAID. Todos com projeto. Nenhum com permanência.

Grupo de WhatsApp de coordenadores: metade manda mensagem, metade ignora, todos cobram. Isto é gestão educacional.

Não faltam dinheiro ou gestão, falta educação de verdade ser prioridade de fato.

## **O que o sistema faz com você**

Primeiro, te forma. Ou desforma. Transforma paixão em técnica. Convicção em metodologia. Vontade de ensinar em capacidade de “mediar aprendizagens” — palavra que não significa nada, mas ocupa página de relatório.

Segundo, te coloca em sala. Trinta, quarenta, cinquenta cabeças. E diz: relacione-se individualmente. Diferencie. Personalize. Com quarenta alunos e quarenta minutos. Você faz conta: um minuto por aluno. Tempo insuficiente para dizer nome direito. Quanto mais para conhecer história, medo, sonho.

Terceiro, te cobra resultado. Não resultado de gente formada. Resultado de número gerado. Nota alta. Evasão baixa. Indicador

verde. Você aprende rapidinho: para sobreviver, precisa transformar aluno em dado. Vínculo em estatística. Escola em planilha.

Quarto, te culpa quando falha. Não culpa o sistema que te deu condições impossíveis. Culpa você. “Falta criatividade.” “Falta resiliência.” “Falta engajamento.” Você acredita. Vai para um curso de fim de semana. Aprende uma nova técnica. Volta para a mesma sala, mesma carga, mesma impossibilidade. Falha de novo. Se culpa de novo. Ciclo perfeito de autodestruição.

### **Resiliência**

Resiliência sem condição é culpabilização estrutural. Sistema quebra você e diz que o problema é você não aguentar. Isso é querer transformar exploração em virtude pessoal.

Bambu que dobra é bambu que não tem escolha. Você não é bambu.

## **O robô que você está virando**

O sistema quer eficiência. Eficiência, para o sistema, significa previsibilidade. Aluno que entra em setembro sabe que vai sair em junho no calendário Europeu, ou que entra em fevereiro e sai em novembro em outras paragens. Currículo fechado. Metas claras. Indicadores mensuráveis. Produto padronizado.

Você é peça desta máquina. Caso se comporte, será mantido — precariamente, mas mantido. Se não comportar-se, é descartável. Substituível. Por outro professor desesperado. Ou por plataforma digital. Ou por inteligência artificial.

IA já faz parte do que você faz. Corrige prova objetiva? IA faz melhor. Personaliza exercício? IA faz sem cansar. Grava aula para assistir em casa? IA não precisa de casa, de descanso, de salário.

O que IA não faz — ainda — é olhar. Cuidar. Perguntar como você está e esperar resposta verdadeira. Isso é seu. Único território não automatizado. Única vantagem competitiva que você tem sobre a máquina.

Mas tem que usar. Porque se não usar — se virar robô que deposita conteúdo, aplica prova, pontua conforme algoritmo — então você é robô. E robô substitui robô.

## **A escolha — de novo**

O capítulo 1 era sobre Álvaro. Sobre olhar. Sobre vida ou morte. Este capítulo é sobre você. Sobre máquina que te transforma em peça dela. Sobre como resistir sem ser triturado.

Resistir não é gritar contra o sistema. É furar o sistema.

Fazer, dentro dele, outra coisa. Ensinar de verdade onde querem que você apenas transmita. Ver gente onde querem que você veja número. Cuidar onde querem que você apenas pontue.

Não é fácil. É mais difícil que obedecer. Mais exaustivo que desistir. Mas é o único caminho que não termina em você sendo substituído — por outro professor igualmente quebrado, ou por servidor/IA que não quebra porque não sente.

E é único caminho que não termina com você adoecendo física e psicologicamente — porque obedecer o inumano, desumanizar-se, também adoce, só mais devagar, e sem dignidade.

### EXERCÍCIO – AGORA, NÃO DEPOIS

Liste três coisas que você fez esta semana porque o sistema exigiu, não porque acreditava.

Liste três coisas que você fez apesar do sistema, porque acreditava.

Compare. Qual lista tem mais peso? Qual tem mais energia?

Se a segunda lista está vazia, cuidado. Você está virando robô mais rápido que imagina.

Se a primeira lista está vazia, parabéns. Você já foi demitido, ou já é mártir ineficaz. O equilíbrio é necessário.

## Capítulo 4

# Aprender Diferente: Neurodiversidade e Cuidado

*O corpo é a nossa primeira territorialidade.*

---

— Ailton Krenak

### A escola que não existe

Ana tem 16 anos. Na aula de Matemática, o professor explica rapidamente um conceito novo. Ela não percebeu a transição entre dois passos. Levanta a mão hesitante, mas o professor já virou-se para o quadro. A sala está em silêncio constrangedor. Os colegas parecem ter entendido. Ela abaixa a mão.

“Devo ser a única que não percebeu”, pensa. “Vou parecer estúpida se perguntar agora.”

Na próxima aula, já não presta atenção da mesma forma. O medo de não estar “ao nível” ativou o seu sistema nervoso simpático. O córtex pré-frontal — onde acontece a compreensão matemática — foi “desligado” pela amígdala. Ana passou a sobreviver às aulas em vez de aprender com elas. Nunca mais voltou a levantar a mão.

Pedro, na mesma turma, tem TDAH. Seu corpo precisa se mover para pensar. Mas a escola exige: sentado, imóvel, 50 minutos. Ele tenta. Consegue 15 minutos. Depois, a “inquietação— que é seu cérebro tentando regular a atenção — é interpretada como

indisciplina. É mandado para o corredor. Perdeu a explicação. Perdeu o vínculo. Perdeu o dia.

Lucia é autista. O som do projetor, o cheiro do quadro branco, a luz fluorescente são — para seu sistema sensorial — como se alguém tocasse giz em uma lousa de unhas, constantemente. Ela usa fones de ouvido. A diretoria proíbe: “não pode usar aparelhos, é desrespeito”. Ela entra em colapso sensorial. É considerada “agressiva”. É suspensa.

*A escola projeta uma criança que não existe: senta 50 minutos, presta atenção linear, memoriza na primeira vez, não faz perguntas incômodas, não precisa ir à casa de banho no meio da aula, não está com fome, não está com medo em casa, não está processando o luto, não tem o ritmo circadiano de adolescente noturno, não tem TDAH, não é autista, não é disléxica, não é hiperativa, não é nada.*

*Esta criança — o **normotípico** — é um constructo colonial, capitalista, eugenista. E todos os outros — os reais — são patologizados, medicalizados, punidos, excluídos ou desistimos!*

## Tecnologia de Assentamento: A fábrica do corpo único

Hartmut Rosa e Joanna de Souza identificaram o que chamamos de **Tecnologia de Assentamento**: a escola moderna não é só uma máquina de transmitir conteúdos. É uma máquina de produzir **corpos normotípicos**, submissos, sincronizados, previsíveis.

Não é acidente que a escola inventada na Revolução Industrial exija:

- Imobilidade postural (o operário na cadeira da fábrica)
- Atenção linear e contínua (a linha de montagem não para)
- Sincronização perfeita (todas as turmas fazendo a mesma coisa às 10h)



- Silêncio (obediência sonora)
- Uniformidade (todos aprendendo o mesmo, da mesma forma, no mesmo tempo)

Isso exclui não apenas o autista, o TDAH, o disléxico. Exclui também:

- O adolescente noturno (ritmo circadiano deslocado biologicamente)
- O traumatizado (sistema nervoso em hipervigilância que precisa de movimento para regular-se)
- O sonâmbulo (que não dormiu porque a escola começa às 7h30)
- O cuidador (que chega exausto porque trabalhou a noite)
- O hiperativo (que processa cognição através do movimento)
- O lento-processador (que precisa de 7 segundos a mais, não de menos inteligência)

A escola que não aceita variação é que é doente. A diferença é o toque pessoal, o que nos distingue, humaniza, o que nos enriquece como espécie humana. E neste sentido a neurodiversidade — incluindo variações de sinestesia, TDAH, autismo, dislexia, altas habilidades com sobreexcitabilidade, processamento lento — não é patologia a ser “acomodada”. São modos de ser e de estar no mundo, **modos de cognição legítimos**.

## O direito de aprender diferente

Stephen Downes propõe: *“O modelo certo é não ter modelo. O modelo certo é acabar com os modelos.”* (2015).

Para Downes, não sabemos o que queremos ensinar porque **cada aprendiz é uma rede única**. *"As redes de aprendizagem capturam um elemento essencial na aprendizagem de hoje: o simples facto de que não sabemos o que queremos ensinar."* (2010). O melhor que podemos fazer é *"ensinar os estudantes a aprenderem, e encorajá-los a gerirem a sua própria aprendizagem daí em diante."*

Isto é radicalmente diferente da escola-padrão: *"A escolarização baseia-se na noção de que o conhecimento é fixo e que o trabalho do professor é apresentar o que é conhecido aos estudantes"* (Collins & Halverson, 2010).

A pergunta de Costa (2012) ecoa urgente nesta trincheira educativa: *"Como poderemos promover, em última instância, a qualidade da utilização das tecnologias de informação e comunicação e a sua generalização a todos os cidadãos, estejam eles integrados ou não em ambiente de ensino formais?"*

A resposta não está em mais uma plataforma digital. Está em reconhecer que **não há cidadão padrão**. Há redes de aprendizagem — conectadas, autônomas, cooperativas, livres — onde cada nó (cada estudante, cada professor) tem ritmos, necessidades e modos únicos.

## **Neurociência da diferença (não da deficiência)**

A neurociência não deveria servir para patologizar, mas para **legitimar a diferença**:

**1. Carga Cognitiva Variável (Sweller):** A memória de trabalho humana processa 4-7 elementos simultâneos. Mas este número varia. O autista com hiperfoco pode processar 20 de um tema especial, mas apenas 2 de um tema sem conexão. O TDAH pode processar 7 se estiver em movimento, mas apenas 2 se estiver imóvel. A escola padronizada ignora esta variação individual.

**2. Segurança Psicológica (Edmondson):** Sem segurança para errar, perguntar, ser diferente, o sistema nervoso simpático ativa-se. A amígdala "desliga" o córtex pré-frontal. Não é que o aluno "não quer aprender". É que está em modo de sobrevivência.

Neurodivergentes vivem em estado de alerta constante em ambientes não-acessíveis.

**3. Ritmos Circadianos:** O adolescente biologicamente tem o relógio deslocado (fase de sono tardia). Aula às 7h30 é tortura cronobiológica, não educação. O sono REM é quando consolida-se a memória. Privar sono = impedir aprendizagem.

**4. Tempo de Processamento (Wait Time - Rowe):** Mary Budd Rowe descobriu que professores esperam 1,5 segundo por uma resposta. Neurodivergentes precisam de 5, 7, 10 segundos para processar linguagem e formular pensamento. Não são mais lentos. Têm ritmos diferentes. Esperar é justiça temporal. É permitir a todos a fase de elaboração do pensamento.

**5. A Síntese:** Não existe "deficit de atenção". Existe "**deficit de atenção para coisas sem sentido**". O mesmo TDAH que não consegue ficar 5 minutos na aula fica 3 horas focado no Minecraft, construindo cidades complexas. O problema não é o cérebro. É o **match** entre o cérebro e o ambiente.

## **Os Seis Hacks: Cardápio de Liberdade (não prescrição médica)**

Estes não são tratamentos. São **oportunidades**. O professor oferece o cardápio. O aluno (sozinho ou com apoio) escolhe o que precisa naquele dia. **Nem todo mundo precisa da mesma coisa. Todos precisam de escolha.**

### **Hack 1: Variedade Postural (A Revolta Vertical)**

**Para quem:** TDAH, hiperatividade, processamento motor, qualquer um que precise de sangue no cérebro :)

**Justificativa:** Ficar em pé aumenta o fluxo sanguíneo cerebral em 10%. Para alguns, ativa o córtex pré-frontal. Para outros, causa cansaço. A melhor postura é variar de postura (biomecânica/ergonomia) **Escolha.**

**Malícia:** “Metodologia ativa de aprendizagem em pé disponível para quem preferir”. Ofereça. Não obrigue.

### **Hack 2: A Pausa da Maloca (Brincadeira Não Estruturada)**

**Para quem:** Autistas (regulação sensorial), TDAH (descarga motora), todos (recuperação cognitiva).

**Justificativa:** O cérebro precisa de **offline time** para consolidar. Sweller demonstrou: a carga cognitiva precisa ser interrompida para a memória de longo prazo formar-se.

**Protocolo:** 5-10 minutos onde **cada um faz o que precisa:** corre, balance (estereotipia autista reguladora), deita no chão, olha para o céu. Teko Porã: o direito de simplesmente estar.

### **Hack 3: A Sala Sem Parede (Natureza como Laboratório)**

**Para quem:** Hipersensíveis sensoriais (autistas), déficit de atenção natureza-déficit (Louv), todos.

**Justificativa:** Fitoncidas, luz solar, campo eletromagnético natural regulam o sistema nervoso. A natureza é heterotopia (Foucault): espaço real onde o sistema não alcança.

**Nota:** Alguns autistas preferem ambientes controlados (interiores previsíveis). **Não obrigue ninguém a sair.** Ofereça como opção.

#### **Hack 4: O Sagrado do Sono (Respeito ao Ritmo Circadiano)**

**Para quem:** Adolescentes (biologia), notívagos, quem trabalha e estuda.

**Justificativa:** Provas às 8h são violência cronobiológica. O cérebro adolescente está “desligado” pela manhã.

**Protocolo:** Nunca avaliação importante antes das 10h. Se o sistema exigir, ofereça: prova conversada, prazo estendido, avaliação em outro momento. **Diferentes ritmos, mesma aprendizagem.**

#### **Hack 5: A Desintoxicação Digital (Zona de Imunidade)**

**Para quem:** Os viciados em dopamina de scroll (praticamente todos nós).

**Justificativa:** O scroll infinito é cortisol crônico. Mas o autista pode precisar do tablet para comunicação (AAC). O TDAH pode usar app de foco. **Tecnologia não é o inimigo. O uso compulsório é.**

**Protocolo:** “Zona de Imunidade Digital” — 30 min sem notificações. Mas quem usa fone de ouvido para bloquear som ambiente (autista), pode continuar. **Flexibilidade ética.**

#### **Hack 6: Ética da Preguiça (Wait Time e Erro)**

**Para quem:** Processamento lento, ansiosos, perfeccionistas, todos.

**Justificativa:** Rowe provou: esperar 3-5 segundos aumenta qualidade das respostas em 40%. Dar tempo é inclusão.

**Malícia:** Contar até 7 mentalmente. Silêncio constrangedor? Não. É “espaço de processamento neural”. O erro é parte importante da aprendizagem e deve ser estimulado. Refazer é válido. O processo conta tanto quanto o produto.

## O fim dos modelos, o início do cuidado

Downes tem razão: *"The right model is no model."*

A escola do século XXI não precisa de mais currículos padronizados, metas uniformes, avaliações sincronizadas. Precisa de **infraestruturas de cuidado** onde:

- O conteúdo é **meio**, jamais fim
- A ciência serve para **libertar** (entender diferenças), não para **normalizar** (classificar, medicar, excluir)
- O professor é **curador de oportunidades**, não transmissor único
- A avaliação é **conversada e diferenciada**, não padrão
- A inclusão não é **adaptação do diferente para o padrão**, mas **pluralidade de caminhos**

### Conteúdos são veículos, não carga

A finalidade da escola básica não é fazer alguém decorar a Revolução Francesa. É o crescimento integral saudável de crianças e jovens. É a cidadania plena. É a capacidade de problematizar a realidade e transformá-la.

A Revolução Francesa é só um pretexto para pensar o mundo. Se o corpo está em colapso, se a mente está em fuga, não há Revolução Francesa que entre. **Cuidado primeiro. Sempre.**

### Diagnóstico da sua turma

Feche este livro. Pegue papel. Liste 5 alunos.

Para cada um, anote:

- O corpo dele precisa de movimento ou de quietude?
- O ritmo dele é matutino ou noturno?
- O processamento dele é rápido ou profundo (lento)?
- O que o colapso (se houver) está tentando dizer?

Agora: o que você pode oferecer diferente para cada um amanhã?

Não tudo. Uma coisa. **Uma fissura no muro da uniformidade.**

Se oferecer escolha, se respeitar ritmos, se entender que **aprender diferente não é aprender menos**, você não está sendo “mole”. Você está sendo **neurocientista, decolonial e humano**.

E se a direção questionar: diga que está implementando “personalização baseada em evidências de neurodiversidade e carga cognitiva”. É verdade. É só a verdade que o sistema não quer ouvir.

## Capítulo 5

# Por Que Muitos dos Seus Alunos Te Odeiam

*E por que eles podem ter razão.*

---

Você entra na sala. Quarenta olhos — ou trinta, ou cinquenta, depende do país e da tragédia orçamentária local. Quantos olhos que não querem estar ali? Quantos corpos prefeririam estar em qualquer outro lugar? E você, no centro, segurando giz ou controle remoto de apresentação, tentando convencer gente que não quer ser convencida de que revolução francesa, ou equação de segundo grau, ou análise sintática, é importante.

Eles não acreditam. Você sabe. Eles sabem que você sabe. E mesmo assim, você continua. Porque currículo exige. Porque prova vem. Porque, em última instância, você precisa do emprego.

Isto não é educação. Isto é negociação de rendição.

### **A geração que aprendeu a criar mundos**

Seu aluno de quatorze anos — sim, mesma idade de Álvaro — passou ontem três horas no Minecraft. Construiu cidade. Gerenciou recursos. Negociou com jogadores de outros continentes. Resolveu conflito de território. Aprendeu sozinho, sem professor, sem prova,



sem nota. Aprendeu porque precisava. Porque queria. Porque fazia sentido.

Hoje ele senta na sua aula. Fileira. Silêncio. Não olha para o lado. Não fala sem sua permissão. Copia do quadro uma data que não significa nada para a vida dele. E você explica, com paixão ou sem, que isto é importante.

Ele sabe que não é. Você sabe que ele sabe. Ninguém fala.

## **O choque de gerações como choque de lógicas**

Eles são nativos digitais. Não no sentido do marketing de “geração conectada”. No sentido real: aprendem fazendo, colaborando, resolvendo problemas reais em tempo real. Lógica de rede. Horizontalidade. Autonomia. Liberdade. Desafio.

Você foi formado — se foi formado — em lógica industrial. Verticalidade. Hierarquia. Transmissão de conteúdo padronizado. Professor sabe, aluno não sabe. Professor fala, aluno ouve. Professor avalia, aluno é avaliado.

São lógicas incompatíveis. E quando duas lógicas incompatíveis tentam ocupar o mesmo espaço, uma aniquila a outra. Ou, no caso da escola, ambas se tornam insuportáveis.

### **Onde está o déficit?**

Seu aluno lidera grupo de cinquenta desconhecidos online. Resolve crise, conflitos, distribui tarefas. Na sua aula, não pode escolher nem onde sentar.  
Discussão: onde está o déficit de atenção?

## **A indisciplina como informação**

Coordenador diz: “Sua turma é indisciplinada. Precisa ser mais firme.” Pais dizem: “Meu filho não aprende com o senhor.” Você diz, para si mesmo: “Não consigo controlar.”

Parem todos.

Indisciplina não é falha. É dado. É corpo gritando que não aguenta sentar. É mente dizendo que não faz sentido. É ser humano inteiro recusando ser reduzido a receptor de informação.

Seu aluno não tem problema de atenção. Tem problema de atenção para coisa sem sentido. Deixa ele jogar três horas de videogame — atenção de laser. Deixa ele conversar com amigo sobre problema pessoal — atenção total. Coloca ele na sua aula — atenção some.

O problema não é ele. É o (des)encontro entre a lógica dele e a lógica sua. Encontro que você pode transformar. Ou não.

## **Por que eles têm razão em te odiar**

Primeiro: você representa o sistema que os oprime. Não você pessoalmente — você, institucionalmente. Você é a cara do Estado que não cuida, do currículo que não fala deles, da avaliação que os exclui, do futuro que não promete nada.

Segundo: você mentiu. Disse que a escola é importante. Que o conteúdo é relevante. Que a nota importa. Eles descobriram — sozinhos, na internet, na rua, na vida — que não é verdade. Que quem manda no mundo não é quem tirou dez ou vinte em história. É quem nasceu no lugar certo, com sobrenome certo, com dinheiro certo. E você, professor de periferia ou de interior, de precariedade lusófona, você sabe que é verdade. E mesmo assim repete a mentira.

Terceiro: você não vê. Passa conteúdo, aplica prova, corrige, pontua, e nunca pergunta — de verdade — quem são. O que carregam. O que sonham. O que temem. Você é cego intelectual. E cegueira, em professor, é violência.

#### **A mesma mentira**

Professor de elite particular: “Meus alunos são excepcionais.”

Tradução: nasceram ricos.

Professor de periferia: “Meus alunos não têm vocação.” Tradução: nasceram pobres.

Mesma mentira, envelopes diferentes.

### **A mentira que você acredita**

O que seus alunos já intuem — e você confirma em silêncio — tem nome acadêmico: **mobilidade social estruturalmente bloqueada**.

Dados de 2026 são claros: em Portugal, alunos sem Acção Social Escolar têm **mais do dobro da probabilidade** de entrar em cursos top (média >17) comparativamente aos beneficiários. O mercado de explicações privadas — 300 milhões de euros/ano — funciona como **seguro de elite** que compra notas e mascara o “mérito” com capital cultural. O código postal determina mais o futuro que o currículo (Peralta et al., NOVA SBE, 2026).

Isto não é teoria conspiratória. É a **economia política da educação**: a escola selecciona para manter privilégios, não para distribuir competências.

## **O mérito como ficção**

A ficção do mérito puro é funcional ao sistema. Permite que a desigualdade seja vivida como fracasso individual, e não como produção coletiva. Quando um estudante da periferia não acede a Medicina ou a outros cursos mais disputados, diz-se que “não se esforçou o suficiente”. Quando um estudante de família privilegiada ingressa em Direito, celebra-se o seu “talento”. Raramente se pergunta: que condições materiais, que redes de apoio, que familiaridade institucional precederam esse resultado?

A seletividade, assim, não é apenas técnica. É política. E o código postal é uma das suas variáveis mais eficazes: invisível nos formulários de candidatura, mas determinante nas estatísticas e vidas reais.

## O professor entre a verdade e o contrato

E você, professor? Sabe que é verdade. E mesmo assim repete a mentira.

Não por cinismo. Talvez por sobrevivência. O sistema exige que avalie como se o mérito fosse puro. Os programas curriculares raramente nomeiam as estruturas que atravessam a sala de aula. Na precariedade lusófona, nomear a verdade pode parecer um luxo — ou um risco profissional.

Mas há uma tensão que não se cala: ao repetir a mentira, você participa da produção do silêncio que permite à desigualdade se reproduzir. Ao avaliar sem contextualizar, converte privilégio em nota e nota em destino. Ao celebrar o “esforço” sem nomear as condições do esforço, naturaliza a exclusão.

Esta não é uma acusação. É um convite à reflexão incômoda: que tipo de cumplicidade estamos dispostos a assumir?

## Um livro por vir: *A Ponte e a Porta*

Esta seção não oferece soluções. Não é o seu propósito. Problematicar exige, primeiro, suspender a urgência da resposta e habitar a complexidade da pergunta.

Nos próximos meses de 2026, publicarei *A Ponte e a Porta*: um livro dedicado especificamente a esta temática. Nele, explorarei caminhos de superação — não como receitas, mas como convites à construção coletiva. Discutirei como transformar a escola de reprodutora de desigualdade em espaço de libertação; como articular políticas públicas com práticas pedagógicas críticas; como reconhecer, sem romantizar, os saberes e estratégias de resistência que já operam nas periferias e no interior de diferentes países.

Até lá, fica esta provocação: se o código postal escreve o destino, que gestos — individuais e coletivos — podem começar a reescrevê-lo?

## **Freire no banheiro da escola**

Paulo Freire disse: ninguém educa ninguém. Educa-se entre si.  
Professor e aluno, ambos sujeitos, ambos aprendendo.  
Horizontalidade. Diálogo.

Você leu Freire? Na formação, talvez. E depois entrou em sala de quarenta alunos, quarenta minutos, currículo engessado, avaliação padronizada, e descobriu que Freire não cabe na planilha.

Ou cabe. Mas você precisa esconder. Fingir que está cumprindo enquanto cria. Fingir que ensina conteúdo enquanto ensina gente. Fingir que obedece ao sistema enquanto serve ao desenvolvimento humano do aluno.

É exaustivo. É perigoso. E é o único jeito.

### **Sobrevivência institucional**

Reunião pedagógica: todos dizem “vamos trabalhar com metodologia ativa”. Na sala, mesma fileira, mesmo silêncio, mesma prova.

Isto não é hipocrisia. É sobrevivência institucional.

## **A nova ameaça: IA que valida o ódio deles**

ChatGPT tira nota alta em redação na prova de acesso à universidade. Gemini, Deepseek, Kimi ou Qwen resolvem equação em segundos que você demora horas. Professor virtual explica, sem se cansar, sem ficar doente, sem reclamar de salário.

Seu aluno sabe. Usa. E pergunta, em silêncio ou em voz alta: “Para que serve você?”

Resposta honesta: para olhar. Para cuidar. Para perguntar “como você está” e esperar resposta. Para notar quando Álvaro some antes de Álvaro sumir.

Mas se você não faz isso — se você é apenas transmissor de conteúdo, aplicador de prova, pontuador de mérito — então você é substituível. E será substituído.

#### Robô substitui robô

IA não vai substituir professores. Vai substituir quem ensina como IA. Diferença sutil, mas decisiva.

Você ensina como máquina?

## Como transformar ódio em parceria

Não é sobre ser “legal”, “fixe”, deixar fazer o que quiserem, abandonar rigor.

É sobre ser mais rigoroso, mudando o rigor de lugar. De rigor de obediência para rigor de pensamento crítico. De rigor de silêncio para rigor de diálogo. De rigor de nota para rigor de crescimento.

**Primeiro passo:** admitir que eles têm razão. A escola, como está, não faz sentido. O currículo não fala deles. A avaliação os hierarquiza injustamente. Você, muitas vezes, não vê.

**Segundo passo:** perguntar o que faria sentido. Não em assembleia democrática utópica que você não tem tempo. Em pergunta real, para aluno real, sobre vida real. “O que vocês gostariam de aprender?” “O que isto tem a ver com vocês?” “Como vocês aprendem quando ninguém obriga?”

**Terceiro passo:** fazer diferente amanhã. Não revolução. Hacking. Mesma aula, outra entrada. Mesmo conteúdo, outra conexão. Mesma prova, outro processo.

### Exercício — Para fazer com a turma

Na próxima aula, não comece com conteúdo. Comece com pergunta: “O que vocês aprenderam esta semana fora da escola? E como aprenderam?”

Escute. De verdade. Sem corrigir. Sem julgar. Sem dizer “isso não é conhecimento válido.”

Depois, conecte. Seja lá o que ensine — história, matemática, língua — mostre como aquilo que eles já sabem, já fazem, já aprendem sozinhos, se relaciona.

Se não conseguir conectar, o problema não é deles. É seu. É do currículo. É do sistema. E você precisa de malícia para fazer a conexão existir mesmo quando sistema nega.

## Do ódio ao Kuidá

O ódio do aluno é informação preciosa. Diz que algo não funciona. Que a lógica está errada. Que o encontro falhou.

Você pode ignorar a informação. Pode reprimir — mais silêncio, mais controle, mais nota baixa. Ou pode usar. Transformar a turma de inimigos em aliados de guerrilha pedagógica.

Não é fácil. O aluno que te odeia não confia de imediato. Precisa de tempo. De consistência. De você provar, com ações e não palavras, que desta vez — desta vez — você está vendo, reconhecendo o outro e os condicionantes estruturais que geram desigualdades e injustiças.

**Kuidá** começa aí. No reconhecimento de que você é parte do



problema. Que representa o sistema que os oprime. Que pode escolher representar outra coisa. Ou não representar nada — ir embora, deixar para outro, virar banco de verdade.

Mas se ficar, se olhar, se tentar — então o ódio pode virar desconfiança, desconfiança em curiosidade, curiosidade em parceria, parceria em aprendizado que vale a pena.

O aluno que te odeia hoje pode ser o que lembra de você daqui a vinte anos. “Aquele professor mudou minha vida.” Ou: “Aquele professor era robô.” Você escolhe. Ele também.

# Capítulo 6

## Kuidá

*Ou como recuperar o olhar (e não ser substituído por máquina).*

---

Você chegou até aqui. Ou desistiu de desistir, ou desistiu de ser cúmplice, ou simplesmente ficou curioso demais para parar. Seja qual for o motivo, precisa de ferramentas. Não de teoria. Não de filosofia. Tecnologia de sobrevivência.

**Kuidá** é isso. Palavra de Angola, de Cabo Verde, de São Tomé, de Moçambique, de Guiné-Bissau. Verbo. Ação. Proteger o processo. Garantir que ninguém fique para trás. Saber que somos responsáveis uns pelos outros.

Não é conceito novo. É ancestral. É o que comunidades africanas sabiam — sabem — há séculos, enquanto a escola ocidental inventava o individualismo competitivo e chamava de mérito.

**Kuidá** não é “ser bonzinho”. Não é permissividade ou baixar a régua. Não é ausência de rigor. É rigor redimensionado. Rigor com a aprendizagem significativa, com as evidências científicas da educação e das neurociências. É rigor com a liberdade, autonomia, democracia, colaboração, respeito — muito falados, mas pouco praticados em sala de aula. É saber que sem vínculo não há aprendizagem.

O sistema quer resultado rápido. Você quer gente formada. Tem diferença.

## Os cinco pilares — tecnologia de resistência

Não são passos. São dimensões. Você não “completa” o **Kuidá** — você pratica, falha, ajusta, pratica de novo.

### 1. CUIDADO — Rigor redimensionado

Nas escolas e universidades, ouvimos sempre: “não dá para baixar o rigor”. Como se rigor fosse métrica caída do céu. Como se fosse sinônimo de punição, de nota baixa, de silêncio na sala, de obediência inquestionável.

Mentira.

O cuidado é rigor. É proteger o processo de aprendizagem da necropolítica digital. É garantir que ninguém fique para trás, não no sentido assistencialista, mas no sentido de que ninguém aprende abandonado.

O sistema transforma o aluno em número. Em estatística. Em evasão a ser explicada em relatório. O cuidado é dizer: você é gente. Você importa. Sua história importa.

Não é resolver tudo. É não deixar tudo resolver em abandono. É ligar para casa quando o aluno some. É perguntar “como você está” antes de “onde está a tarefa”. É notar — de verdade — quem está presente e quem já foi embora há semanas.

## Neurociência por baixo

Cérebro estressado não aprende. Criança com fome, medo, violência em casa, está em modo sobrevivência — luta, fuga, imobilização. Não processa informação. O cuidado é criar, mesmo que brevemente, estado de segurança onde o aprendizado pode acontecer.

Ou seja: você não está sendo “mole”. Está sendo neurocientista sem laboratório.

A IA não cuida. A IA detecta padrão. Recomenda intervenção. Gera alerta. Mas não sente que algo está errado. Não liga para casa. Não espera na porta.

Você pode.

## 2. DIÁLOGO — Horizontalidade freiriana

Paulo Freire: ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. Educa-se entre si, mediatizados pelo mundo.

Tradução: você não é dono do conhecimento. É professor. Mediador. Desafiador. Alguém que cria condições para o encontro. Para o aprendizado mútuo.

O diálogo não é “discussão em aula”. É relação horizontal. Professor que escuta. Que aprende com o aluno. Que admite não saber. Que muda o plano quando o aluno pergunta algo mais interessante.

Risco: o coordenador vê e pergunta por que você não segue o plano. Resposta malícia: “estava seguindo, mas o aprendizado emergente exigiu adaptação.” Mesmas palavras, outro sentido. Tradução institucional.

A IA simula diálogo. Gera resposta coerente. Mas não escuta, não faz pausa, não olha nos olhos — porque não há sujeito escutando. Você escuta. Isso muda tudo.

Diálogo não é conversa fiada. É trabalho duro. Exige presença. Exige silêncio seu, pausa, para que o outro fale, e ao falar elabore o próprio pensar. Exige coragem para ouvir o que você não quer ouvir.

### **3. LIBERDADE CRIATIVA — Recusar o perfeccionismo algorítmico**

O sistema neoliberal quer produto padronizado. Aluno que entrega sempre no prazo, sempre no formato, sempre com qualidade previsível. Robô em formação.

A liberdade criativa é dizer: o erro é parte importante. O processo conta tanto quanto o produto. Pode refazer. Pode errar de outro jeito. Pode descobrir um caminho que você, professor, não sabia que existia.

Nota 70 por cento versus 80. O sistema quer distinguir. Você quer crescer. Tem diferença.

A IA é perfeccionista algorítmica pura. Gera texto correto, padronizado, sem alma. O aluno que só imita a IA aprende a parecer competente sem ser capaz. Você ensina o aluno a ser capaz — de errar, de ajustar, de criar, de ter autonomia, liberdade de escolha e responsabilizar-se por suas escolhas. Isso inclui utilizar metodologias ativas que favoreçam caminhos de aprendizagem mais individualizados, em pequenos grupos e criativos, que permitam aprofundar em aspectos do tema de acordo com gostos e interesses de cada aluno, conciliando com objetivos mais essenciais de aprendizagem (por exemplo).

#### **Minecraft vs. Revolução Francesa**

Seu aluno joga Minecraft e constrói cidades. Na escola, tem que copiar a data da Revolução Francesa. Se ele se rebelar? É “indisciplina”.

Se ele fizesse isso na vida real? Era chamado de “empreendedor”.

#### **4. AUTORIA NARRATIVA – Protagonismo documentado**

O aluno não é personagem na história do professor. É autor da própria história. Metacognição: pensar sobre o próprio pensar. Documentar o percurso. Contar como chegou lá.

Portfólio em vez de prova. Reflexão escrita. Autoavaliação. “O que aprendi, como aprendi, onde errei, como corriji.”

A IA gera texto sobre aprendizado. Mas não viveu o aprendizado. Não sente o que significou. O aluno que narra a própria trajetória constrói identidade de aprendiz — sujeito que aprende, não objeto que é ensinado. O aluno passa a ser autor de sua própria história, com autonomia dentro do contexto curricular, e até mesmo contribuindo para que o currículo seja repensado.

Você é a testemunha da riqueza do processo de aprendizagem de cada aluno. Sua dádiva é ver o brilho nos olhos dos alunos em face da descoberta, do prazer da autoria.

#### **Servo vs. Sujeito**

Aluno que só recebe nota não sabe quem é. Aluno que conta como aprendeu sabe onde pisar.

Diferença sutil entre servo do sistema e sujeito da história.

## 5. PROBLEMATIZAÇÃO – Partir da dor concreta

Freire de novo. A educação não começa do abstrato para o concreto. Começa da experiência vivida, problematiza, investiga, age, reflete.

A aula de matemática não começa de fórmula. Começa de: quanto custa o lanche na escola? Por que alguns não têm? Como distribuiríamos diferente? Qual o salário mínimo? O que é possível fazer com ele?

A aula de história não começa da Revolução Francesa. Começa de: quem manda aqui? Quem decide o que aprendemos? Isso é democracia?

A problematização gera desconforto, busca por contradições e problemas do cotidiano, da realidade do bairro, da cidade onde as pessoas vivem, nos mais diferentes aspectos nos contextos curriculares. A escola ou universidade não flutuam acima da vida das pessoas, mas ao contrário, devem estar profundamente inseridas nela, ou senão, afinal, a que interesses servem? O sistema quer conforto, previsibilidade, controle, isolamento. Você professor, quer pensamento, reflexão, análise da realidade, investigação/pesquisa ativa, enfrentamento dos problemas. Tem muita diferença!

A IA responde perguntas prontas. Não ensina a perguntar. Você ensina.

### **Currículo oficial vs. Real**

Currículo oficial: “Vamos estudar as causas da Revolução Francesa.”

Aluno: “E da minha vida, quem estuda?”

Problematização começa aí.

## Kuidá e a IA: a sobrevivência profissional

Vamos ser claros. A inteligência artificial vai substituir professores. Muitos. Talvez você.

Mas não todos. Quem será substituído?

O professor que transmite conteúdo. Que aplica prova padrão. Que corrige objetiva. Que segue script. Que não olha, não pergunta, não cuida, não estabelece vínculo.

O professor-robô será substituído pelo robô-professor. Mais barato. Mais eficiente. Mais padronizado.

Quem não será substituído?

O professor que olha. Que escuta. Que adapta para aluno específico, com história específica, necessidade específica. Que cria vínculo que a máquina não cria. Que problematiza com o aluno, junto com o aluno, a partir da realidade do aluno.

O **Kuidá** é o único território não automatizável. É sua vantagem competitiva. É sua sobrevivência profissional. É também — não por acaso — a única forma de educação que faz sentido.

### O paradoxo: Kuidá adoece menos

Você pode pensar: tudo isso é lindo e maravilhoso, mas é bem mais trabalhoso! Mais exaustão. Mais tempo que não tenho.

Verdade parcial. Sim, o **Kuidá** exige presença. Exige energia. Exige engajamento humano que é, por definição, cansativo.

Mas compare com a alternativa. O professor robô — que apenas cumpre, transmite, pontua — morre por dentro. O adoecimento psíquico de quem faz trabalho inumano em condições inumanas.



Síndrome de burnout. Depressão. Ansiedade. Abandono da profissão.

O **Kuidá** também cansa. Mas conecta. Dá sentido. Transforma exaustão em exaustão com propósito. E propósito — saber que você viu, que você importou, que você foi visto de volta — é proteção contra o adoecimento.

Não é cura. Não é garantia. Mas é melhor que o vazio.

#### Burnout vs. Kuidá

Burnout é o sistema dizendo: “obrigado por ser robô, agora pode quebrar.”

**Kuidá** é você dizendo: “sou gente, e vou continuar sendo.”

#### Kuidá mínimo amanhã

Escolha um aluno. Só um. Não precisa ser o mais problemático, nem o mais talentoso. Pode ser o mais invisível.

Amanhã, faça uma coisa:

Pergunte como está. Espere a resposta.

Olhe o trabalho dele com atenção de verdade. Comente algo específico.

Deixe que ele escolha tema, formato, caminho.

Ou simplesmente note que ele existe. Diga o nome. Sorria.

Não mude o mundo. Não salve a vida. Mas crie fissura no sistema.

Prova de que outra coisa é possível. Para ele. Para você.

Se fizer isso e for pego pela direção, diga que é “estratégia de engajamento socioemocional baseada em evidências”. Mesma coisa, outro envelope.

# Capítulo 7

## Os Hacks

*Malícia de quem precisa humanizar sem ser pego.*

---

Você entendeu o **Kuidá**. Quer praticar. Mas o sistema não te deixa.

O coordenador cobra a cobertura do currículo. A direção exige notas na planilha. Os pais querem ranking. E você, precarizado, dependente deste emprego, não pode simplesmente ignorar.

Precisa de malícia. Estratégia de sobrevivência. Fazer dentro do sistema o que o sistema não permite, de forma que ele não perceba — ou, percebendo, não consiga punir.

A malícia não é mentira. É tradução institucional. As mesmas palavras, outro sentido. Os mesmos instrumentos, outra função. Cumprir formalmente para subverter materialmente.

### **A ética da malícia: ou por que você não é o único a furar as regras**

Você foi formado para cumprir. Para ser sério. Para dar o exemplo. E agora eu sugiro que finja cumprir enquanto subverte. Vai doer. Vai gerar culpa. Precisa parar e pensar: o que realmente importa aqui?

A cobertura do conteúdo? O plano de aula seguido à risca? A prova aplicada na data correta? Ou o aprendizado que transforma, o vínculo que sustenta, o aluno que se reconhece como sujeito?

Paulo Freire já disse: a educação bancária — depositar, armazenar, transferir — não é educação. É dominação disfarçada. E você, quando aplica essa pedagogia do medo (“estuda ou reprova”), está sendo o braço do sistema de dominação. Mesmo que não queira. Mesmo que tenha boas intenções.

A ética da malícia é simples: quando o sistema é desumano, a desobediência é humanidade. Quando o currículo mata, a tradução institucional salva vidas. Quando a burocracia consome todo o tempo que você poderia usar para olhar nos olhos, furar a burocracia é ético.

Não sou eu quem diz. É a realidade que diz. Políticos prometem na Constituição salário digno, paz, segurança, justiça, moradia, saúde, educação de qualidade. E não cumprem. Chamam de “lei que não pegou”. Empresários pagam menos impostos e chamam de “plano tributário”. Banco privado entra em falência e é resgatado com dinheiro público. Nas guerras, crianças são assassinadas, lançam mísseis em escolas e hospitais em nome de petróleo e poder. E você, professor precarizado, vai ser o único a cumprir rigorosamente o que o sistema impõe? Vai se matar de culpa por não ter dado a página 47? Em que mundo você vive?

A malícia é a sobrevivência ética. Não é o ideal. O ideal seria mudar o sistema. Mas enquanto não muda, você escolhe: cúmplice da destruição ou resistência disfarçada?

## **Por que o conteúdo não é o rei**

Você acorda sem ter dormido pensando: “não dei tudo”. “Faltou a página 32.” “Não cheguei à Revolução Industrial.”

Pare. Respire. O que você realmente aprendeu sobre a Revolução Industrial na escola? As datas? As causas econômicas? As consequências para a burguesia?

E se tivesse aprendido a perguntar quem manda onde você mora? A investigar a desigualdade no seu bairro? A entender por que alguns nascem com e outros sem?

O conteúdo só é relevante quando é meio para a problematização da realidade. Quando tem significado. Quando o aluno pode elaborar de forma interessada e significativa. Quando vira questão, não mero dado a ser armazenado.

Se não for assim, você fica com a pedagogia do medo: estuda ou reprova. E o aluno estuda — decora, esquece, odeia o processo inteiro. Você “cumpru”. Ele “passou”. Ninguém aprendeu nada que importe.

Você não é divulgador de fatos (isso ainda tinha alguma utilidade no início do século passado quando no interior não chegava nenhuma informação ou livro). É educador de seres humanos. Se fosse para apenas transmitir informação, bastava a Wikipedia. E o ChatGPT. E o Google. Você existe porque precisamos de alguém que veja que estamos vivos, que nos ajude a pensar criticamente a realidade e a transformá-la. Esse é o papel da ciência, da educação, dos professores.

## Os hacks – a tradução institucional em ação

### Hack 1: O portfólio que engana o sistema

Chama-se “projeto integrador”. Chama-se “atividade complementar”. Chama-se “recuperação paralela”. O que for preciso para validar institucionalmente.

Na prática: o aluno documenta o percurso. Escolhe os trabalhos que representam o aprendizado. Escreve uma breve reflexão: “o que aprendi, como errei, como corrigi”. Você dialoga — não corrige, conversa.

No final: a nota. O sistema vê o número e fica quieto. Você vê o crescimento.

### Hack 2: A prova conversada em grupo

A prova oral disfarçada de “avaliação colaborativa”. Quatro alunos, discussão, consenso, apresentação. Você avalia a contribuição individual e o produto coletivo.

A nota individual? Sim. Mas a nota da colaboração, não da competição. A IA não avalia colaboração humana. Você avalia.

### Hack 3: A problematização com rótulo aceitável

O “estudo de caso”. A “pesquisa de campo”. O “projeto de intervenção”. Freire em cinco passos, com a linguagem que a burocracia engole.

Análise da Realidade → Problema real → investigação → ação → reflexão. O sistema vê o conteúdo coberto. Você vê o aluno aprender a intervir no mundo.

#### **Hack 4: O currículo oculto de autonomia**

Na organização da sala. Na resposta ao erro. Na reação ao desafio.

“Não sei. Vamos descobrir juntos.” Currículo oculto: a ignorância não é vergonha.

“Refaz. Pode consultar.” Currículo oculto: o erro é parte do processo.

“Convince-me.” Currículo oculto: o pensamento crítico é bem-vindo.

O sistema não vê. O aluno sente. E aprende.

#### **Hack 5: A solidariedade como cobertura**

Um colega. A troca de experiências. A aprendizagem entre pares. O “projeto integrado interdisciplinar” que, na prática, é proteção e ajuda mútua. Na universidade ou escola é colaboração, grupo, aprendizagem coletiva, solidariedade que precisa ser estimulada e “valer nota” de participação ativa, engajamento.

### Hack 6: O projeto “diferenciado” que é de verdade

Todo o mundo fala em projeto pedagógico diferenciado. Poucos fazem. Em Portugal, chamam de “autonomia e flexibilização curricular” (Decreto-Lei n.º 55/2018, se precisar citar burocracia). No Brasil, é “currículo contextualizado”. Em Angola, é “adaptação à realidade local”.

Na prática: a mesma coisa. A escola que olha para fora. Que conecta. Que não ensina a Revolução Francesa de qualquer jeito para aluno que mora em favela, mas ensina a Revolução Francesa a partir da favela.

Como traduzir institucionalmente: “nosso projeto pedagógico valoriza a comunidade local e a participação familiar”. O que você faz: leva o aluno para conhecer o comércio do bairro, convida a mãe para contar história, transforma a moradia em tema de matemática (orçamento doméstico), o trabalho em questão de ciências (saúde do trabalhador).

O sistema vê: inovação. Os pais veem: respeito. O aluno vê: escola que fala dele. Você vê: **Kuidá**.

A diferença entre “projeto pedagógico diferenciado” genérico e o real é a diferença entre menu de restaurante e comida na mesa. Um é promessa, outro é sustento.

## O risco e a legitimação

Não é seguro. Pode ser apanhado. Pode ser criticado ou até perseguido dependendo do medo ao livre pensamento que as pessoas tenham. Isso é real (já passei por isso).

Mas a alternativa é ser cúmplice da destruição de vidas — incluindo a sua. O adoecimento físico e psíquico de quem faz o trabalho desumano honestamente (quem nunca passou por isso, não é mesmo?!) A síndrome de burnout. O abandono. A substituição pela IA.

A malícia é o cálculo ético: para o bem maior das vidas humanas — a sua, a dos alunos, dos nossos filhos e netos, do que resta da educação como bem público de qualidade — pode tornar-se legítimo enganar o sistema desumano que nos engana e manipula todos os dias.

Não é o ideal. É o necessário. Enquanto não mudamos a estrutura, mudamos o que podemos dentro dela. Cada aula com **Kuidá** é uma fissura. Cada aluna(o) e professora(or) que brilha, empodera-se e cresce em autoestima é uma parede que racha.

Se for pego, diga que está “implementando metodologias ativas baseadas em evidências”. É verdade. Apenas as evidências é que são ancestrais, não as do governo do momento.

#### **Vá mais fundo**

##### **Hacks avançados e comitês de ética**

Para protocolos institucionais de resistência, modelos de comitês de ética em IA e estratégias de “tradução institucional” em universidades, consulte o Capítulo 9 de *Kuidá*, “A Travessia Institucional”.



## Capítulo 8

# A IA como Aliada

*Ou como usar a máquina para ser mais humano.*

---

O medo é generalizado. O ChatGPT (e agora o Qwen, Kimi, Deepseek, Claude e tantos outros) poderia substituir o professor. O Gemini vai corrigir a redação. A plataforma vai personalizar o ensino. E você, precarizado, sem direitos, será descartável.

Como disse antes, a verdade é parcial. A IA pode substituir os professores-robôs sim em vários contextos. Os professores que apenas transmitem, aplicam, corrigem, pontuam. Os professores que não olham, não cuidam, não estabelecem vínculo, não pensam e não transformam criticamente a realidade.

Isso foi assim em muitos países há décadas quando universidades privadas com mais de cem mil alunos demitiram professores em grande numero, substituídos pelas vídeo aulas transmitidas de forma síncrona para centenas de turmas. Um professor fazia o "trabalho" de 500 docentes do ensino superior transmitindo conteúdos em cursos EAD para milhares de alunos, e mais recentemente com plataformas online, e agora com a IA. Na escola básica, em especial nos anos iniciais torna-se mais difícil pelo fato do professor estar fisicamente mais próximo do aluno, mas nada que o sistema de lucro acima de tudo não possa pensar em uma solução.

A questão principal aqui é quem usa quem. Ou você usa a IA com consciência — para libertar tempo, para o **Kuidá**, para o brilho nos olhos — ou você e os seus alunos serão usados por ela, sem consciência, reduzidos a dados, a cliques, a perfis de aprendizado vendidos para quem não se importa com gente.

A IA é como faca: pode cortar o pão ou cortar o dedo. A diferença é quem segura o cabo. Neste caso, o cabo é a sua consciência pedagógica.

Você não precisa ser o professor-robô. Pode usar a IA para liberar tempo para o **Kuidá**. Para estar na porta. Para conversar. Para ver. Para fazer brilhar os olhos.

## **O que a IA faz bem (e com que você não precisa competir)**

Gera a prova-base em segundos. Corrige a múltipla escolha instantaneamente. Personaliza o exercício para o nível de dificuldade. Resume o texto, cria a questão, formata a planilha.

Tudo isto é mecânico. Tudo isto consome o tempo que você poderia usar para o humano.

A malícia máxima: deixe a IA fazer o mecânico (sob sua supervisão). Você faz o existencial.

Você não compete com a IA em velocidade. Compete em atenção. Em escolha estratégica de onde colocar o olhar humano enquanto a máquina faz o robótico.

## **Como usar a IA para o Kuidá**

### **1. A IA gera, você contextualiza**

A IA cria a prova de história. Você adapta: troca os nomes genéricos pelas figuras do bairro. Transforma a questão abstrata no problema local. O aluno reconhece a realidade e engaja.

### **2. A IA corrige a objetiva, você dialoga a qualitativa**

A IA dá a nota da múltipla escolha. Você usa o tempo libertado para escrever o feedback, conversar, perguntar. Tempo para olhar.

### **3. A IA personaliza o exercício, você observa quem ainda não entendeu**

A plataforma indica: o aluno X demorou, errou o Y. Você intervém pessoalmente. Pergunta: “o que aconteceu?” Não para punir. Para entender.

### **4. A IA responde à pergunta pronta, você ensina a perguntar**

O aluno usa o ChatGPT para o dever. Você não proíbe — problematiza: “Como sabemos que a resposta é confiável? O que está ausente? Qual a pergunta que não fizemos?”

A IA dá o peixe. Você ensina a pescar — e a questionar a qualidade da água.

#### **Proibir é perda de tempo**

Proibir a IA é como proibir a calculadora: perda de tempo. Ensinar a usar com critério é educação.

O aluno que copia sem pensar já existia antes da IA. Só que agora ele copia melhor.

## **O momento do brilho**

Você já viu. Sabe do que falo.

O aluno que estava perdido, desinteressado, “indisciplinado”, de repente acende. Descobre a conexão. Formula a pergunta própria. Analisa. Cria. Reconhece-se autor do conhecimento, não receptor passivo.

É quando o problema da comida vira projeto de matemática, de ciências, de português, de história — e carta para o município.

É quando o aluno imigrante ensina a palavra da sua língua e a turma inteira aprende que o saber é múltiplo.

É quando o “errado” vira “ainda não, mas vamos ver por quê” — e o aluno tenta de novo, porque não tem medo.

É quando você pergunta “como você está?” e, pela primeira vez, o aluno responde de verdade. E você escuta.

O brilho nos olhos. O poder da descoberta. Da análise. Da pergunta. A consciência crítica e humana que se desenvolve.

Quando você vê isto — mesmo uma vez, mesmo num aluno — não consegue voltar atrás. Não aceita a educação bancária da passividade sem brilho. Vale a malícia. Vale o risco. Vale a vida. Eu já passei por isso!

#### **O que a IA nunca viu**

A IA nunca viu o brilho nos olhos. Nunca sentiu o silêncio da sala quando algo real foi dito. Nunca teve calafrio. Você tem. Use isso.

## **A IA a serviço da humanização**

O paradoxo final: a máquina serve para libertar o humano para o humano. Não para substituir. Não para competir. Para possibilitar.

Sob o seu comando e a sua supervisão, enquanto a IA corrige, você conversa. Enquanto a IA personaliza o exercício, você personaliza a atenção. Enquanto a IA gera o conteúdo, você gera o significado, desafia os alunos a criticarem, busca o viés, analisa e compara.

O sistema não entende. O sistema vê a eficiência, a produtividade, a escala. Você vê o brilho nos olhos e sabe: é isto que importa. É por isto que ainda está aqui. É por isto que vale a pena enganar o sistema, furar as regras, inventar a malícia.

Para que mais alunos brilhem. Para que você também brilhe — de volta, de novo, ainda.

#### **Quem usa quem?**

Você usa a IA para ter tempo de ser humano. Ou a IA usa você para treinar o algoritmo que vai te substituir.

A escolha é sua. Faça-a todos os dias.

## Capítulo 9

# Quando Você Falha

*(E Vai Falhar) — O Álvaro que você não viu a tempo.*

---

Você leu até aqui. Acredita no **Kuidá**. Pratica a malícia. Usa a IA como aliada. E mesmo assim — mesmo assim — vai falhar.

Vai deixar de ver. Vai aplicar a prova mecânica porque estava exausto. Vai dar nota baixa sem saber que o aluno não dormiu. Vai gritar quando deveria ter perguntado. Vai desistir de aluno que parecia impossível.

Vai. Acontece. O sistema é desumano. Você é humano. A equação não fecha.

A maioria dos professores que tentam ser perfeitos — que obedecem, que pontuam, que não falham — abandonam a profissão ou adoecem. O sistema não premia a perfeição; consome e descarta. Ficar do jeito que está não é mais seguro. Não é garantia. É apenas uma doença adiada. Os que aceitam falhar, que reparam, que inventam a malícia — esses continuam. E continuam mais vivos. Escolha seu grupo.

### A falha de Tião

Ele contou a história. O menino de 14 anos. A prova de sábado. O salto do prédio. A pergunta no velório: “O senhor sabe por quê?”

Tião não sabia. Falhou. Não viu. Não perguntou. Estava ocupado sendo professor de história — revolução francesa, causas econômicas, a burguesia ascendente.

Depois, transformou. O menino morto virou “anjo da guarda”. A culpa virou missão. A falha virou método. Não para corrigir o passado — impossível — mas para orientar o futuro.

Isto é tudo o que você pode fazer. Não apagar o erro. Transformá-lo.

## **Sem confessionalismo barato**

Não vou dizer que você é bom o suficiente. Que fez o melhor que podia. Que o sistema é culpado e você é vítima.

Tudo isto é verdade. E não ajuda.

O que ajuda é responsabilização sem paralisia. Reconhecer: sim, você falhou. Sim, você é parte do sistema. Sim, você causou dano — mesmo sem querer, mesmo sendo peça pequena na máquina grande.

E mesmo assim — mesmo falho — pode escolher. Pode continuar falhando do mesmo jeito. Ou pode falhar diferente. Aprender com a falha. Ajustar. Tentar de novo.

Culpa que mata: “sou horrível, vou desistir”. Culpa que move: “errei, amanhã faço diferente”. A diferença é ação. O resto é autoflagelação de gente que já sofre demais.

## **Como reparar — quando a reparação é possível**

Aluno que você tratou mal? Volta. Diz: “errei. Foi exaustão, não você. Vamos tentar de novo?”

Nota que deu injustamente? Reabre. “Refaz. Pode consultar. Conversamos antes de eu pontuar.”

Vínculo que deixou morrer? Reinicia. “Sumi. Estava perdido. Mas estou aqui agora. Como você está?”

Nem sempre funciona. Alguns alunos não perdoam. Algumas feridas não fecham. Mas você tenta. E isto — a tentativa visível, humana, imperfeita — é também **Kuidá**.

## O Álvaro que você não viu

Tem um aluno na sua cabeça agora. Que você desistiu. Que desistiu de você. Que você nunca perguntou o nome direito.

Não é para flagelar-se. É para lembrar. E amanhã, olhar para outro. O que está aqui agora. O que ainda dá tempo.

O **Kuidá** não é salvar todos. É não deixar todos para trás sem tentar. É escolher um hoje, outro amanhã. E aceitar que ontem, você escolheu errado. Ou não escolheu. E que isto também é humano.

Você não é Deus. Não é Salvador. É professor. Falha inclusa no pacote. O diferencial é o que você faz depois.

## A fábrica que cai — com marreta na mão

Você pensa: bom, bonito, **Kuidá**. Mas o sistema é grande. Eu sou pequeno. Não derrubo a fábrica sozinho.

Verdade. Mas às vezes — raramente, mas às vezes — a fábrica cai. Não por decreto. Por ação humana. Por marreta na mão. Por comunidade que decide que a escola é dela, não de um governante de ocasião.

Em Heliópolis, na maior favela da América Latina, existe a Escola Municipal Presidente Campos Salles. Praça de guerra. Ninguém queria estudar ali.



Chegou Braz Rodrigues Nogueira. Diretor. E uma aluna, Leonarda, foi executada com cinco tiros na cabeça no caminho da escola para casa.

Braz não fez reunião pedagógica. Não pediu autorização. Pegou uma marreta e derrubou os muros. Quebrou as doze salas de aula e fez quatro salões. Implementou método da Escola da Ponte (José Pacheco), de Portugal: autonomia, responsabilidade, solidariedade. Alunos em grupos de quatro, roteiro multidisciplinar, professor que não dá respostas — aponta caminho.

A comunidade votou. Aprovou por unanimidade. O muro caiu. A escola virou centro de liderança. Hoje, Anailton — aluno de 14 anos, vereador escolar, sonha em ser diretor — diz: “O Braz foi para mim como um pai. A gente não vai deixar este projeto morrer, porque isto virou a nossa vida.”

A violência diminuiu na área. Não porque a polícia chegou. Porque a escola deixou de ser fábrica de obediência e virou território de vida.

Isto é exceção? É. Mas prova que é possível. Que quando alguém — diretor, professor, comunidade — decide que a história oficial se dane, outra história pode ser escrita. Braz não foi demitido. Após mais de 20 anos na escola e 39 de serviço público, aposentou-se em 2017 deixando um legado que transformou Heliópolis em “Bairro Educador”.<sup>1</sup>

Você pode não ter marreta. Pode não ser diretor. Mas tem dois minutos na porta. Tem uma pergunta. Tem um aluno hoje.

A fábrica cai um tijolo de cada vez.

---

<sup>1</sup> A história da Escola Municipal Presidente Campos Salles em Heliópolis é real. Pode ser vista na reportagem da Deutsche Welle “Derrubando paredes e estereótipos na favela” (21/11/2016). Adaptada aqui com gratidão ao diretor Braz Rodrigues Nogueira e à comunidade que provou que outra escola é possível.

## A escolha final – de novo

Você falhou. Vai falhar de novo. O sistema continuará inumano. Os alunos continuarão sofrendo. E você?

Pode desistir. Ir trabalhar em banco — de verdade, desta vez. Deixar para outro.

Ou pode continuar. Falhando. Aprendendo. Tentando. Fazendo escola dentro da fábrica. Até que um dia — não sei quando, não garanto que chegue — a fábrica caia. Ou você a derrube. Ou simplesmente a transcenda, aula por aula, olhar por olhar.

### Para fazer hoje, não amanhã

Pense no último aluno que você tratou como número. Que você viu como problema. Que você ignorou porque não dava para lidar com mais um.

Escreva o nome. Num papel. Na capa deste livro. No telefone.

Amanhã — sim, amanhã — olhe para ele. Pergunte. Espere. Não precisa resolver nada. Apenas reconhecer que ele existe.

Isto é reparação. Isto é **Kuidá**. Isto é tudo o que temos.

### Vá mais fundo

#### Permissão para falhar (a teoria)

Para a fundamentação filosófica do erro como método (Freire 4.0 Falha), narrativas de fracasso produtivo e a crítica ao “perfeccionismo algorítmico”, veja o Capítulo 4 do livro *Kuidá*, “Paulo Freire 4.0”.

## Capítulo 10

# O Exército de Um

*Solidariedade como sobrevivência.*

---

Você está sozinho. Não é metáfora. É fato. Sala fechada. Quarenta alunos. Coordenador que cobra. Direção que avalia. Pais que reclamam. E você, no centro, tentando respirar sem parecer que está respirando — porque técnica de sobrevivência também inclui invisibilidade estratégica.

Grupo de WhatsApp de professores: metade chora, metade manda meme de gato, todos sobrevivem. Isto é cuidado em grupo digital. Mas não é **Kuidá** ainda. Falta corpo. Falta olho. Falta sala. O **Kuidá** não cabe no telefone — cabe no encontro.

### A ilusão da autonomia heróica

O sistema vende a história: professor bom é professor que dá conta sozinho. Que resolve. Que não precisa de ninguém. Herói solitário.

Mentira.

Professor que dá conta sozinho está mentindo. Ou destruindo a saúde. Ou fazendo trabalho ruim que parece bom. Ou os três.

Herói solitário morre no primeiro ato. Ou no final, para causar impacto dramático. Você não é personagem de filme. Não tem trilha sonora. E se morrer, substituem em duas semanas.

Autonomia real — soberania pedagógica — não é isolacionismo. É capacidade de escolher com quem caminhar. De dizer sim para aliados. De dizer não para competição individual.

## **Como encontrar seu exército**

Um colega. Basta um. Pode ser da sua escola. Pode ser de outra. Pode ser online, nunca visto pessoalmente, conhecido só por grupo de WhatsApp.

Regra: não compete. Não julga. Compartilha o que funciona. Compartilha o que fracassou. Ri junto. Chora junto. Sustenta.

Regra de ouro do grupo de professores: pode desabar, pode cobrar, pode sumir. Mas nunca, nunca critique outro professor para a direção. Isto é traição. Isto é fim de aliança. Isto é você sozinho no intervalo, comendo bolacha seca.

Em Portugal, onde o individualismo é mais forte na classe média, isto exige esforço ativo. Contra a lógica. Contra a vergonha.

Em Angola, onde a comunidade é sobrevivência, isto é mais natural — mas exige proteção contra cooptação política.

No Brasil, onde tudo é extremo — violência ou afeto — isto é urgência vital.

## **A solidariedade como tradução institucional**

Você não pode dizer “estou formando grupo de resistência contra o sistema”. Pode dizer: “projeto de observação entre pares”. “Estudo colaborativo de metodologia ativa”. “Intercâmbio de boas práticas”.

Mesmas palavras, outro sentido.

Na prática: você e o colega visitam aula um do outro. Não para avaliar. Para aprender. Para roubar ideia. Para validar que não está

louco — que outro também acha absurdo, também tenta diferente, também falha.

Documenta? Opcional. O importante é não estar sozinho na sala.

## **A escola que derruba muros — de novo**

Lembra de Heliópolis? Braz não fez sozinho. Teve professora que trouxe método da Ponte. Teve comunidade que votou.

Exército de um, mas um que multiplicou.

Você pode ser Braz na sua escola. Ou pode ser a professora que trouxe uma ideia. Ou pode ser o aluno que hoje sonha e amanhã transforma.

Solidariedade não é horizontal só entre professores. É vertical — com alunos, com pais, com comunidade. É temporal — com gerações passadas e futuras.

Tião Rocha carrega a perda de um aluno. Braz carrega a perda de uma aluna. Você carregará falhas suas. E transformará em missão para outros.

## **Tecnologia para conexão — não para produtividade**

WhatsApp, Signal, ou outras. Grupo fechado, não rede social pública. Ligação de voz, não mensagem de texto quando o assunto é grave.

Regras do grupo de sobrevivência:

Pode desabar. Não precisa ser forte.

Pode cobrar. Não precisa ser educado.

Pode sumir. Não precisa justificar.

Mas volta. Sempre volta.

E quando precisar de mais que grupo fechado — quando quiser exército de um que encontra exército de muitos — existe humaniza.digital. Porta aberta. Sem algoritmo te vigiando. Sem vender teu desespero para anunciante. Só conversa, livro, e gente que também não aguenta mais plataforma.

Não é empresa. É porta. Entra quem precisa.

Lá dentro tem os livros (este e o *Kuidá*), a Maloca digital (Mastodon, Moodle, grupo fechado), e quem quiser conversar sobre como fazer escola/universidade sem morrer no processo. Se precisar de consultoria, formação, ou só de alguém que confirme que você não está louco — também tem.

Gera receita? Sim, para sustentar a porta aberta. Mas não é negócio. É sobrevivência coletiva. O oposto de plataforma que te explora: plataforma que te conecta sem extrair tua alma como dados.

## **Quando a solidariedade é perigosa**

Cuidado. Nem todo colega é aliado. Alguns são delatores. Outros, competidores disfarçados. Outros, tão quebrados que puxam para baixo.

Escolha. Confiança construída devagar. Teste pequeno antes de entrega grande.

E proteja quem você encontrou. Grupo de sobrevivência é célula de resistência. Não é para todo mundo. É para quem precisa. Quando precisa.

## A última trincheira

Você pode ser o último professor da sua escola que ainda olha nos olhos. Todos os outros — queimados, desistidos, convertidos em robôs — podem ter ido embora ou, pior, ficado sem alma.

Mesmo assim. Exército de um.

Um aluno que você vê. Um vínculo que você cria. Um dia que você faz diferente. Até que outro se junte. Ou não. Mas você não para.

Porque parar é morrer. E você — falho, cansado, precarizado — ainda está aqui. Ainda lê. Ainda tenta. Ainda acredita que outra escola é possível.

Você é heróico. Não porque é grande. Porque é pequeno, persistente, humano. E porque ainda não desistiu de ser gente em lugar de máquina.

### Para fazer esta semana

Identifique uma pessoa. Pode ser colega. Pode ser ex-colega de formação. Pode ser desconhecido online que escreve coisas que você precisa ler.

Marque encontro. Café. Cerveja. Ligação. O que for possível.

Não precisa de agenda formal. Apenas: “como você está?” E escutar. E ser escutado.

Isto é **Kuidá** entre pares. Isto é sobrevivência.

# A Última Aula

Você chegou até aqui. Não sei se transformou. Não sei se amanhã vai olhar diferente. Não sei se vai ser pego pela direção, demitido pela “ineficiência”, substituído por plataforma.

Sei que você leu. Que pensou. Que, por algumas horas, não estive sozinho — estive comigo, com Tião, com Braz, com milhares de professores que ainda olham nos olhos em salas de aula de todo o mundo.

A fábrica ainda está de pé. Mas você — você — é fissura nela. Cada aula com **Kuidá** é tijolo arrancado. Cada aluno que brilha é parede que racha.

Não vai cair amanhã. Talvez não caia na sua vida. Mas vai cair. Ou será transcrita. Porque ideia de que gente é gente, não número, não dado, não recurso — esta ideia persiste. Ancestral. Africana. Humana.

Você é herdeiro disto. E herdeiro é responsável. Não por salvar todos. Por não deixar todos para trás sem tentar. Por escolher, hoje, um. Amanhã, outro. E assim, aula após aula, vida adiante.

E quando este livro acabar — quando o papel terminar ou a bateria acabar — você não precisa estar sozinho. humaniza.digital continua aberto. Porta de entrada para exército de muitos. Para conversação que não termina. Para experimentação que não se delega à máquina. Entre. Dialogue. Transforme.

A história oficial que se dane. A que importa está sendo escrita agora. E você — falho, cansado, ainda aqui — é quem a escreve.



## **Espaço em branco para você:**

Meu Álvaro se chama: \_\_\_\_\_

Hoje eu vi quando: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Amanhã vou tentar ver: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*Obrigado por ainda estar aqui.*

**Álvaro espera.**

*Aos que furaram o muro antes de nós*

**Rubem Alves** — que ensinou que educar não é fabricar adultos, é fazer festa com a vida.

**José Pacheco** — que construiu a Ponte em Portugal para que Braz pudesse derrubá-la no Brasil.

**Tião Rocha** — que transformou a perda de Álvaro em quarenta anos de resistência para os que vieram.

**Braz Rodrigues Nogueira** — que provou que marreta também é instrumento de gestão escolar.

*A eles, minha dívida.  
A você, minha esperança.*

# Sobre o Autor

(*Quem escreveu isso e por que você não deve confiar cegamente*)

“Não sou neutro.” — Este livro.

Sou o que o sistema chamaria de *sucesso*: lusobrasileiro, branco, heterossexual, 52 anos, cinco filhos, boas escolas públicas no Rio de Janeiro, explicadores particulares, cursos extras, apoio familiar, pós-doutoramento na Universidade do Minho, opero o Moodle com os olhos fechados.

Parece biografia. É radiografia de privilégio.

A brasilidade me dá passaporte para falar de “nossos povos” sem soar completamente fora de campo, mas **minha branquitude me coloca do lado do balcão, nunca da cozinha**. Sou o herdeiro do lado da casa grande que aprendeu a codificar o mundo em linguagem acadêmica — aquela que transforma saberes em artigos, fome em “insegurança alimentar”, resistência em “boa prática”.

Por isso este aviso: **não leia este livro como voz autorizada**. Leia como *delação* — não denúncia, mas entrega. Coletei vozes em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Brasil, Portugal, América Latina — e em cada coleta houve violência: a minha língua (português imperial) traduzindo o crioulo, o umbuntu, o tetum; minha formação eurocêntrica filtrando saberes que não cabem em referências bibliográficas; minha urgência de acadêmico transformando luta em *framework*.

Não sou autor. Sou tradutor involuntário — e toda tradução trai.

O que este livro realmente é: Um furto honesto. Das Malocas digitais de professores que nunca aparecerão no Google Scholar, das reuniões de departamento onde a resistência se planeja em sussurros, das salas de aula sem projetor onde a Educação Digital Humanizada acontece com giz e coragem. Eu só dei forma à invisibilidade — e mesmo isso é arrogância, porque a invisibilidade desses corpos já tinha forma, só não tinha ISBN.

### **O convite (ou a licença para traição):**

Não siga este livro. **Traia-o.** Copie o que funciona, jogue fora o resto, minta sobre a origem das ideias se precisar se proteger da burocracia escolar. Só quero uma coisa: que daqui a cinco anos, quando alguém perguntar quem criou a resistência na sua escola/universidade, você responda: “Eu não sei. Ela sempre existiu.”

Que este livro seja como aquele professor que te ensinou a pensar mas cujo nome você esqueceu — porque o importante não é quem falou, mas que a fala se tornou sua.

### **Tradução institucional (para quando o sistema exigir currículo):**

Fabio Batalha Monteiro de Barros, especialista em Tecnologias Educativas e Educação Digital Humanizada, doutorado em Ciências, pós-doutorado na Universidade do Minho. Autor de “Kuidá: Educação Digital Humanizada” (2026) e “Presente para o Professor Presente” (2026).

### **A realidade (para quando o cansaço bater):**

Sou um homem que passou 30 anos sendo dado de presente para o sistema — currículo de plataforma institucional, métricas de impacto, professor que produz — e que resolveu, contra toda lógica racional, tentar ser gente antes de ser função. Um pai que às vezes

opera o Moodle com os olhos fechados porque está dormindo em pé. Um branco/mestiço tentando devolver o microfone.

E te convidei a fazer o mesmo: não ser eficiente. Ser presente.

# Convite à 2ª Edição

*(Ou: Devolva o microfone)*

Você, educador(a)/professor/docente é convidado(a) a co-escrever a próxima edição deste manual. Se alguma editora ética em diferentes países nos quiser apoiar, estamos disponíveis para conversar.

**Como:** humaniza.digital

**Prazo:** 30/12/26

**Condições:** Autoria coletiva. Não precisa de doutorado. Precisa de vivência de sala de aula, de olhos nos olhos e vontade de contar o que funciona (e o que não funciona). Se houver receita (editora ética, financiamento público, doação), divide-se equitativamente entre todos os coautores. A 1ª edição permanece CC BY-NC — o PDF desta aqui continua livre para sempre, não importa o que aconteça com a 2ª edição.

# Licença Aberta

**Presente para Professor Presente**

**CC BY-NC 4.0** (Creative Commons - Atribuição / Não Comercial)

**O que você PODE fazer:**

- ✓ Fotocopiar à vontade para seus alunos (cobrando só o preço do papel)
- ✓ Adaptar para sua realidade específica
- ✓ Usar em cursos, oficinas, formações sem pagar royalties
- ✓ Traduzir para outras línguas
- ✓ Jogar trechos no grupo de WhatsApp da escola
- ✓ Criar versão para sua cidade, bairro, escola

**O que você NÃO PODE fazer:**

- × Vender o livro com lucro
- × Deixar editora comercial publicar sem autorização prévia
- × Dizer que escreveu sozinho(a) sem citar a origem
- × Usar em produtos ou serviços que gerem lucro direto

### **Como citar este livro:**

Monteiro de Barros, F. B. (2026). *Presente para Professor Presente: Manual de Sobrevivência para Quem Ainda Olha nos Olhos*. Lisboa: Edição do Autor / humaniza.digital. Licenciado sob CC BY-NC 4.0.

### **Nota do autor:**

Se você encontrar este livro sendo vendido por valores absurdos em site de marketplace, denuncie. Ou melhor: pirateie e distribua gratuitamente. A informação que liberta não pode ser mercadoria de luxo.

Respire fundo.

Este livro é Open Source em espírito. Copie. Adapte. Critique. Melhore.

A autoria desta primeira edição foi minha, mas a luta é nossa.

Entre em humaniza.digital. A Maloca está aberta.



# Nota Legal e Glossário

## Nota Legal

Este livro é análise crítica acadêmica, protegida pelos direitos à liberdade de expressão, liberdade acadêmica e liberdade de investigação científica reconhecidos em Estados democráticos.

As estratégias, “hacks” e práticas descritas aqui são apresentadas exclusivamente para fins pedagógicos, acadêmicos e de investigação. Não são instruções para violação de leis, regulamentos ou normas institucionais. Se você implementar qualquer ideia aqui contida, a responsabilidade é sua e da sua consciência — não minha.

A crítica a plataformas digitais, sistemas de IA e práticas de avaliação é feita de boa-fé, com o objetivo de proteger direitos fundamentais. Não constitui difamação, concorrência desleal ou divulgação ilícita de informação confidencial.

**Natureza colaborativa:** Este livro incorpora vozes de múltiplos contextos educativos. Nenhum contribuidor individual (incluindo o autor) é juridicamente responsável por decisões tomadas por leitores, instituições ou terceiros com base nesta obra.

Em bom português: Use o bom senso. Proteja-se. Minta se precisar — ao sistema desumano, nunca aos alunos. Mentira ao sistema é tradução institucional (você fala a língua dele para salvar o que importa). Mentir ao aluno é violência. Não confunda as duas. E não diga que eu falei para quebrar a lei — mandei furar o sistema que desumaniza, o que é muito diferente.

*Aviso final: O sistema tem advogados. Você tem este livro. Use a vantagem sabiamente.*

## **Glossário de Sobrevivência**

### **Kuidá**

Ética de cuidado situada nas comunidades africanas de língua portuguesa. Etimologia disputada — possivelmente umbundu (Angola), possivelmente crioulo do Atlântico. Não importa a origem exata; importa que é ancestral, não acadêmica, e que protege o processo de aprendizagem contra a necropolítica. É o primeiro dos cinco pilares.

### **Os 5 pilares**

**Kuidá** (cuidado que protege), Diálogo (horizontalidade freiriana), Liberdade Criativa (erro como método, não como falha), Autoria Narrativa (ser autor da própria história, não personagem no roteiro do sistema), Problematização (partir da dor concreta, não da abstração).

### **Maloca**

Território seguro de resistência. Espaço físico ou digital onde a sobrevivência é coletiva.

### **Matuíta**

Caderno físico de papel onde você escreve o que sente sobre os alunos, onde cola um desenho deles. Reserva de humanidade que o sistema não pode minerar.

### **Necropolítica Digital**

Tecnologias que administram a morte (social, profissional, psíquica) na educação. Plataformas que extraem dados enquanto extraem alma.

### **Tradução Institucional**

Usar as mesmas palavras do sistema (“metodologia ativa”, “projeto integrador”) com outros sentidos. Malícia pedagógica.

### **Malícia**

Estratégia de sobrevivência. Fazer dentro do sistema o que ele não permite, de forma que ele não perceba.

### **Resiliência Tóxica**

Aceitar o golpe sem reclamar. Virtude vendida pelo sistema para culpabilizar quem quebra. **Não é Kuidá.**

### **Fábrica de Robôs**

Sistema educacional que forma para obediência, não para pensamento. Linha de produção de funcionários descartáveis.

### **Álvaro**

Sinédoque. Todo aluno invisível que poderia estar na sua sala agora. O menino que não foi visto a tempo.

FIM DO LIVRO

humaniza.digital